

## PARA UM MAIOR AUXÍLIO À AMÉRICA LATINA

*Continuam as expressões de solícitudes paternais do Santo Padre João XXIII em prol da América Latina. Após a fundação da Comissão Pontifícia para a América Latina, o discurso aos Superiores Gerais e outras manifestações que demonstram a grande preocupação do Santo Padre para com esta grande parte do rebanho da Igreja, eis agora mais duas cartas por ele dirigidas aos Bispos da Irlanda e do Canadá, incentivando o clero daqueles países para uma maior contribuição no apostolado deste continente.*

### CARTA DE S. S. JOÃO XXIII AO EPISCOPADO IRLANDÊS (1)

A nosso caro filho João, Cardeal D'Alton, Arcebispo de Armagh, e a nossos veneráveis irmãos os Arcebispos e Bispos da Irlanda

JOÃO XXIII, PAPA

Caro Filho e Veneráveis Irmãos,  
Saudação e Bênção Apostólica.

Brilha a Santa Igreja, fundada por Jesus Cristo para libertar a humanidade da morte, no mundo inteiro por sua santidade. Alimenta-se da graça, vive da verdade e, segundo as palavras de Santo Inácio, "como o sol, criatura de Deus, ela é uma e a mesma no mundo inteiro, de modo que a luz que é a pregação da verdade resplandece em toda a parte e ilumina todos os homens" (Ad. Haer. 1, 10,2; MG f. 552). Esta pregação da verdade, caro Filho e Veneráveis Irmãos, é uma glória especial de vosso país, pois através dos séculos, tem sido

1) Doc. Cath., 43 (1961) 294-295

a sua marca distintiva "viajar para o Cristo". Como é sabido, desde que a mensagem do Evangelho chegou ao país, sacerdotes e religiosos irlandeses, estimulados pelo esplêndido exemplo de S. Patrício, vosso ilustre pai e apóstolo, se expatriaram e percorreram numerosos países da Europa para lhes levar o facho da fé e seu ardor invencível para conquistar almas ao Cristo.

Valeu à Igreja êste gênio de vossa nação imperecível fama e admiração de numerosos povos que devem a origem e o desenvolvimento de sua vida cristã ao amor escaldante dos apóstolos irlandeses e a seu ativo ministério sacerdotal. Constituem êstes povos católicos por si eloquente e manifesto testemunho do carater missionário da católica Irlanda; proclamam êles seus louvores no mundo inteiro e aumentam o esplendor de seus títulos de glória.

Se quiséssemos procurar a fonte desta grande tradição que herdastes, certamente que seria encontrada no cumprimento dos deveres que decorrem da pertença ao Corpo Místico do Cristo. Seja a gratidão do mundo católico, e especialmente desta Sede Apostólica, para vós todos, uma recompensa bem merecida.

Sabemos que as sociedades e as ordens religiosas de Irlanda sempre rivalizaram de generosidade, de dedicação e de caridade exemplar para responder às necessidades de grande número de países, a ponto de tôda a parte se apelar ao ministério de vossos sacerdotes.

Empresas apostólicas tão grandes e tão variadas Nos proporcionam uma consolação e uma alegria especial no meio de Nossa solicitude cotidiana para com tôdas as Igrejas. Reconfortado por êste pensamento, Nós desejamos por esta carta confiar-vos a aflição excepcionalmente grave e difícil do ministério sacerdotal na América Latina, e pedir-vos que disto vos preocupeis e lhe leveis vosso auxílio.

Estais certamente bem inteirados das numerosas e diversas razões que fazem com que, apesar da larga difusão da fé católica e seu profundo enraizamento nos países dêste continente, a estrutura da vida eclesiástica é insuficiente nestas terras para responder às necessidades apostólicas de hoje. Estais particularmente a par da grave falta de sacerdotes para o ministério dos fiéis.

Tais fatos são de todos conhecidos. Acresce, porém, levar em conta o aumento da população devido à elevada cifra de nascimentos e a uma crescente imigração. Os problemas postos por êste rápido aumento da população e a evolução a que se assiste, dia após dia, são evidentes. Urge levar-lhes uma resposta sem demora, senão ficará impossível socorrer tais multidões de fiéis.

No meio destas ansiedades e destas dificuldades, Nós ficamos grandemente reconfortado por um pensamento consolador o qual, semelhante à aurora, pode constituir o anúncio de tempos melhores. Gostamos, com efeito, de pensar na fonte de energia e de progresso que certamente seria para a Igreja universal o desenvolvimento das possibilidades que pululam neste país católico e são a segura promessa de rica colheita.

Explicam estas razões a atenção constante e excepcional que, do mesmo modo que nosso predecessor de imortal memória, Pio XII, Nós dedicamos às necessidades religiosas da América Latina. Como testemunho desta

solicitude, Nós podemos mencionar a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano e o estabelecimento em Roma duma comissão especialmente encarregada de promover, desenvolver e regulamentar as medidas destinadas a dar uma solução rápida a este problema.

As repetidas exortações da Santa Sé em cartas e discursos receberam uma resposta filial e generosa não só por parte das sociedades e ordens religiosas, como também por parte da hierarquia de países em condições de fornecer ajuda, tais como a Espanha, a Bélgica, o Canadá e os Estados Unidos.

A este respeito, Nós gostamos de pensar na generosa Sociedade de São Colombano que, estabelecida com o estímulo e a cooperação ativa dos bispos da Irlanda, desabrochou, tal como uma flor de delicioso perfume, do seminário nacional de Maynooth e de sua ardente caridade. Estende, com efeito, sua solicitude espiritual igualmente aos diferentes países da América Latina, tais como a Argentina, o Perú e o Chile, onde seus membros fornecem seu auxílio aos bispos e aos sacerdotes do país, para um grande bem das almas.

Nós alimentamos tal estima para a obra desta sociedade que Nós temos o maior ardente desejo de ver as suas atividades aumentar e de a ver enriquecer-se com a chegada de novas forças. Pode isto conseguir-se pelo aumento do número de estudantes que entram na Sociedade e pelo oferecimento voluntário de sacerdotes diocesanos irlandeses irém trabalhar sob a sua direção neste país para um determinado tempo ou por toda sua vida.

Nós pensamos até que seria utilíssimo em conceder a esta sociedade os poderes e as faculdades para recrutar, enviar à América Latina e ajudar por todos os modos os sacerdotes devidamente autorizados ao mesmo tempo que por seu próprio bispo e pelo bispo da diocese a que se dirigem.

Eis porque, Veneráveis Irmãos da hierarquia irlandesa, que sempre sobressaistes em fazer progredir as causas sagradas e que, certamente, vos preocupais com a grave necessidade de que vos falei. Nós temos confiança que favorecereis plenamente os sacerdotes que desejam entragar-se a este trabalho e que lhes dareis as requeridas licenças.

Se existirem outros métodos e medidas que em vossa sabedoria achardes mais convir à resposta a Nosso urgente apêlo, Nós não duvidamos que sabereis descobri-los e deles tirar os melhores frutos.

Para que o Deus, todo poderoso, "sem o qual nada existe de forte nem de santo", favoreça vossas deliberações, abençoe vossos empreendimentos e ilhes faça produzir frutos abundantes, Nós vos concedemos de todo o coração Nossa bênção apostólica a vós, ao clero irlandês, que é um resplandecente exemplo de virtude, e aos fléis confiados a vossos cuidados.

Dado em Roma, em S. Pedro, a 14 de dezembro de 1960, terceiro de nosso pontificado.

*João XXIII, Papa*

## CARTA S. S. JOÃO XXIII AO EPISCOPADO CANADENSE (1)

Regoziamos-Nos vivamente e rendemos vivas ações de graças a Deus, cada vez que vemos Nossos filhos consumindo-se em tôdas as partes do mundo para o santíssimo nome de Jesus Cristo e seu reino, produzir frutos exemplares de uma caridade atuante. Convém, na verdade, que estejam inflamados de um sincero amor aqueles que têm a honra de trazer o nome de cristãos, pois, "dentre todos os preceitos de Deus é o amor que ocupa o primeiro lugar" (S. Pedro Crisólogo, serm. XCIV; Migne, P.L., XLII, 466).

Caríssimos chefes espirituais do Canadá, testemunhastes esplendorosamente este amor inesgotável e solícito, causando-Nos, por isso mesmo, imensa alegria, quando durante vossa anual Conferência episcopal realizada em Ottawa, entre outras coisas de primeira importância, tornastes a vos inclinar sôbre as necessidades pastorais da América Latina.

Soubemos com prazer que pensais pôr em prática vossas resoluções anteriores e até lhes garantir um desenvolvimento cada vez mais brilhante. Assim soubemos que constituistes uma Comissão episcopal que tem por missão, por meio de um escritório criado para isto, assegurar a execução metódica de um plano de cooperação religiosa com estes países (2). Vários dentre vós combinaram com os Bispos de lá para que sacerdotes em número crescente vão exercer o ministério em seus territórios. Vários leigos, entre os quais descobrimos com grande satisfação a presença dos jovens, igualmente se dedicam como colaboradores no apostolado. Outra forma de assistência digna de menção é a obra de bôlsas a favor de apreciável número de seminaristas latino americanos. Impelidos por zêlo esclarecido, preparai-vos atualmente para construir e sustentar nestas regiões um seminário, que será dotado de todos os elementos necessários para uma formação de futuros padres, perfeitamente adequada às necessidades de nossos tempos. Enfim, não omitis nada para que comunidades religiosas dos dois sexos abram nessas paragens casas, escolas, e instituições.

Estes feitos, pois, que apenas quisemos mencionar brevemente, demonstram-Nos com que afectuosa obediência filial vos apressastes em responder aos desejos que Nós muitas vezes manifestamos. Ao vos dirigirmos as Nossas bem merecidas felicitações, como homenagem à clarividência de vosso zêlo, formulamos votos paternais para que vossa caridade não cesse de crescer de dia em dia, continue a produzir excelentes frutos e que se enriqueça e se inunde de celestes consolações.

Rogamos humildemente a Deus que se digne de apoiar vossos esforços e iniciativas, e, como penhor destes favores celestes, do fundo da alma Nós vos concedemos, e a todos os vossos colaboradores nesta obra, aos sacerdotes e aos fiéis do Cristo confiados aos vossos cuidados, a Bênção Apostólica.

1) Doc. Cath., 43 (1961), 237-38.

2) Ver "Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Canadense", de 13 de janeiro de 1960, em "Revista da C.R.B.", VI (1960), 327-334.

Dado em Roma, junto de São Pedro, aos 20 de dezembro de 1960, terceiro ano de Nosso Pontificado.

JOÃO XXIII, Papa

## CASA DE REPOUSO PARA SACERDOTES

*Levamos ao conhecimento dos Revmos. Superiores do Brasil a seguinte carta de S. Excia. Dom Paulo Rolim Loureiro, Bispo Auxiliar de São Paulo, dirigida aos Superiores daquele Estado, na certeza que a Betânia Sacerdotal de Campos do Jordão poderá ser do interesse de muitos sacerdotes religiosos que precisem descansar das labutas do apostolado, e mesmo esgotamento devido a excesso de trabalho.*

Aos Revmos. Srs. Provinciais e Superiores de Comunidades Religiosas:

Laudetur Jesus Christus!

Permita-me V. Revma. expor-lhe quanto segue, solicitando-lhe suas orações e uma benévola recomendação aos religiosos.

Aos 15 de setembro de 1956 foi benzida e inaugurada por Sua Eminência o Senhor Cardeal Motta, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, na estância climatérica de Campos do Jordão, situada a 1.700 metros de altitude, a CASA DE SÃO CARLOS — Betânia Sacerdotal — destinada, exclusivamente, a Sacerdotes necessitados de repouso e revigoração de suas forças, desgastadas no exercício do sagrado ministério em paróquias e outros setores de apostolado.

Nestes quatro anos de funcionamento, pôde a Betânia Sacerdotal acolher, além de Exmos. Srs. Arcebispos e Bispos, 408 Sacerdotes, tanto do clero secular como do regular, e com geral contentamento deles.

Situada na diocese de Taubaté, a Betânia Sacerdotal mereceu desde o início o incentivo e as bênçãos do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Francisco Borja do Amaral, Bispo da referida Diocese, tendo ficado a sua construção a cargo e sob a responsabilidade da Mitra Arquidiocesana de São Paulo.

Graças à dedicação e assídua assistência das Missionárias de Jesus Crucificado, a Betânia Sacerdotal tem podido prestar bons serviços ao clero, cumprindo, assim, religiosamente o seu ofício.

Desejando que possa durante o ano todo continuar a bem servir de casa de repouso, tomo a liberdade de solicitar de V. Revma. uma recomendação da Betânia Sacerdotal aos seus religiosos.

Todo pedido de hospedagem deve ser, com antecedência, dirigido à Revda. Madre Superiora da Casa de São José, Praça da Imaculada n.º 827, Emilio Ribas, Campos do Jordão, Estado de São Paulo, ou pelos telefones 71-40 e 70-12 da referida Estância.

Agradecendo as preces e o valioso apoio de V. Revma. a esta obra que pertence à Igreja e às Dioceses brasileiras, tenho a honra de subscrever-me, com os melhores votos pela Santa Festa de Páscoa,

de Vossa Reverendíssima, amigo e servo em Jesus Cristo  
(ass.) † *PAULO ROLIM LOUREIRO*, Bispo Auxiliar e  
Provedor Geral da Mitra Arquidiocesana de São Paulo

P.S. — Diária, compreendendo cinco refeições, quarto e banheiro independentes, Cr\$ 300,00.

Apraz-nos oferecer, bascados em convênio especial com editores pontifícios Desclée & Cia., e Mame, e assim em condições especialíssimas quanto a preço, a nova edição, publicada em abril de 1961:

### BREVIARIUM ROMANUM

de acordo com as rubricas decretadas pelo Motu próprio de S. S. o Papa João XXIII, de 25-7-1960:

2 volumes, em formato 18.º (16,5 x 10 cm) e 12.º (18 x 11,5 cm); apresentação e impressão impecáveis, em autêntico papel Oxford, encadernação elegante, manejável, duradoura:

	Em 18.º:	Em 12.º:
Em chagrém superior, cortes vermelhos	5.400,00	8.600,00
Em chagrém superior, cortes dourados	5.700,00	8.900,00

Peça catálogo dos últimos lançamentos da

**Herder Editôra Livraria Ltda.**  
Caixa Postal, 7509  
São Paulo

# A CARIDADE PASTORAL ALMA DO APOSTOLADO SACERDOTAL

Pe. Nazareno Camilleri S.D.B.

(Continuação do número anterior)

## 2 — A CARIDADE PASTORAL NO EXERCÍCIO PRÁTICO

### a) As obras do ministério sacerdotal

*Administração dos Sacramentos* — É impossível seguir aqui o campo imenso que se nos abriria aos olhos, para aplicações e exemplificações. Somos obrigados, portanto, a remeter às obras de teologia pastoral, e também a estudos especiais que, de modo particular, acentuam mais ou expressamente tratam do espírito pastoral (74).

Quanto ao espírito da caridade pastoral, na prática sacramentária em geral e no ministério das confissões em particular, limitamo-nos a poucas observações. Antes de tudo, quase numa ordem ascendente, naquilo que diz respeito aos modos, é certo que é absolutamente necessário, e muito mais de quanto se possa imaginar, procurar usar uma grande prudência e discrição; mas não é menos importante evitar aquela tal frieza e ligeireza, que não são simplesmente uma natural e serena solicitude racional, e que por isso decepcionam, esfriam e talvez até afastam as almas. São João Bosco, verdadeiro apóstolo da pedagogia sacramentária e particularmente da confissão, admoestava ser preciso cuidar muito em “não causar antipatias — como ôle dizia — que em vida e também na hora da morte fazem talvez repelir o sacerdote” (75). E mais universalmente inculcava que as “boas maneiras”, quer dizer, “a caridade e a cortesia fôssem as características de todo Sacerdote” (76).

É incrível mas é verdadeiro, muito verdadeiro, que muitas vezes o que decide sobre problemas essenciais são puras, puríssimas circunstâncias acidentais. E talvez não é verdade que, também nas coisas físicas, são as alterações acidentais que, levadas até um certo limite, provocam verdadeiras transformações substanciais, que chamamos de combinações químicas?

74) Cr. Passalacqua, *Incontro alle anime*, Vicenza, 1937; Naddeo, *Il vero Pastore d'anime*; Schulte-Adrianópolis, *La cura pastorale*, Brescia, Morcelliana, 1939; Claudel, Mauriac..., *Che cosa attendete dal prete?*, Brescia, Morcelliana, 1951. Mais ainda, revistas como *Orientamenti Pastoralí*, *Evangeliser*, etc.

75) MB., 3, p. 187.

76) MB., 10, p. 1045.

Mas, descendo mais ao âmago, além da necessária prudência e do exemplo salutar da própria administração dos sacramentos — meditemos real e detalhadamente no batismo, casamentos, confissões, Santa Missa e comunhões, na igreja ou junto aos doentes — é necessária uma caridade pastoral esclarecida, muito preocupada em se deixar guiar pela consciência dos valores divinos que se administram. Vigiar particularmente para não se arriscar à nulidade ou a uma profanação com espírito de superficialidade ou de leviandade, talvez fruto de mecanismo ou de habitualidade não controlada na administração.

Vale isso, pois, especialmente para as confissões, nas quais um fácil acomodamento lassista, ainda que rejeitado teoricamente, é de se temer sempre. O problema é delicado, mas real (77). Neste ministério e mistério de salvação deve ser lembrado o princípio supremo e absoluto de que, aqui, *praesumptio cedit veritati*! Isto é, que as coisas na realidade e perante Deus são o que são, e não o que nós presumimos! Não conta, como costumamos dizer, sermos mais ou menos bons, liberais ou rigorosos em sentenciar, mas a verdadeira disposição das almas, sinceras, arrependidas e decididas, sem reserva voluntária: "non ponentibus obicem" (78). "Si credis ex toto corde, licet"; de outra forma, não. Assim para o batismo, e assim para a confissão, segundo batismo (79). É verdadeira, pois, a eficácia objetiva "ex opere operato" dos sacramentos, mas não como uma eficácia "mágica", mas condicionada às boas disposições *essenciais* "ex opere operantis", garantidas ou procuradas pelo penitente, com a ajuda do pastor. Prescindir disso é iludir a si mesmo e aos outros. Por isso a caridade pastoral torna o Sacerdote, além de verdadeiro juiz, conselheiro e "confessor educador". Foi esta a palavra de ordem que o Papa Pio XII enviou aos participantes de um congresso sobre a confissão, em Nancy: "Soyez des éducateurs!" (80). Educar e conformar-se às leis objetivas.

*Pregação e catequese* — Depois dos sacramentos, o "ministerium verbi". É este o ministério público da palavra, enquanto a confissão pode ser considerada ministério segredo do próprio verbo divino.

Face à educação dos clérigos Seminaristas lembremo-nos de que, ainda sem querer exagerar, existe atualmente um problema da pregação e também da catequese, não só para os pequenos, mas especialmente para os jovens e os adultos. Vejam-se as *Regulae Pastoralis* de São Gregório (81). Escreve-se muito em livros e revistas. É necessário saber distinguir, mas há muita coisa de bom. De certo a formação a uma caridade pastoral sólida deve infundir um sentimento vivo da responsabilidade de acomodar-se a este campo tão essencial. Mas

- 
- 77) Cf. Zelle, S.J., *La confessione*, Sampierdarena, Tip. Sales, pp. 68-88. Pelo contrário, manifestamos nossas ressalvas para esta tendência em algumas páginas de Demal, *Psicologia pastorale — pratica*, Ed. Paolina, 1956; p. ex., p. 16; 18 e ss.
- 78) *Conc. Trid.*, ses. 7, cân. 6; D. 849.
- 79) At. 8, 7.
- 80) Cf. também Zelle, o.c., passim; N. Camilleri, *Confessori Educatori*, Torino, Pont. Ateneo Sales.
- 81) ML, 77, 13-128.

é necessário acomodar-se, antes de tudo, à finalidade visada por Jesus Cristo e por sua Santa Igreja: "*Praedicate Evangelium!*". O Evangelho deve ser bem entendido e assimilado, e pregado tal qual é, em toda a sua integridade e objetividade, e em todo o seu equilíbrio; em toda a sua transcendência e imperiosidade, e em toda a sua humanidade, sem alterações. Sempre sem reticências ou temperamentos indevidos, que não seriam se não destemperanças indevidas e sacrílegas.

Portanto pregar as verdades vitais do dogma, a razão da nossa fé, a beleza e a harmonia dos mistérios; pregar os mandamentos divinos, e todos os dez mandamentos; não só o sexto ou o nono, mas também o primeiro e o sétimo, e todos os outros. Portanto os preceitos da Igreja e os sacramentos, sabendo descobrir e iluminar tamanha ignorância e sacudir tamanho convencionalismo, fonte de tão grande equívoco, de muita superficialidade e torpor. O Papa falou de reais *apostasias*, ainda que não perfeitamente conscientes e não confessadas, também para alguns que infelizmente freqüentam a igreja. Pregar, pois, as virtudes: pregar a *justiça*, mas com uma caridade pastoral que não suscite os ódios; pregar a *castidade*, sem que se suscite escândalo: se, de fato, é de dever a pedagogia da castidade, não é de menor dever a castidade da pedagogia; pregar a *modéstia*, procurando restaurar este insubstituível baluarte da castidade privada e pública, e repondo na devida honra esta virtude essencialmente cristã hoje completamente apagada da consciência de muitos! Pregar os *Novíssimos*, em toda a sua austeridade inviolável, como sanções divinas e peremptórias para toda pessoa no instante fatal da morte, e de toda a história humana, de famílias e de povos no juízo universal; mas também em todo o seu equilíbrio imponente e majestoso, de sabedoria e de poder, de bondade e de justiça divinas.

O que se diz da pregação vale análogamente para a catequese. Acrescentamos que nesta deve ser incluído e tomado na maior consideração e responsabilidade o ensino religioso nas escolas. É muito deplorável, mesmo aceitando as críticas de possíveis e evidentes exageros, o que às vezes ouvimos dizer, tanto de alunos quanto de pessoas de autoridade, também conscienciosas. Não negamos algumas dificuldades reais do problema, mas é certo que se, geralmente, houvesse *maior competência*, tanto doutrinária quanto pedagógica, maior zelo e empenho, não deixaríamos de suscitar em muitos o interesse, e o próprio problema ficaria em menores, talvez muito menores proporções e repercussões (82).

*Ter em vista o ideal: fazer viver habitualmente na graça, na justiça e na caridade.* — Eis o objetivo central, máximo, da educação cristã. A caridade psatorial de Jesus, no campo espiritual que lhe é próprio, não se limitava por si a soluções momentâneas, esporádicas, de casos isolados; êle almejava soluções de princípio e em si permanentes de situações e de imposições de vidas inteiras. Ao *vade in pace*, unia-se sempre, explícita ou implicitamente, o *noli amplius peccare* (83). Nunca mais pecados, injustiças. Sempre a graça, a retidão, a ca-

82) Veja-se o precioso opúsculo de Dom Bortignon, *Insegnamento della filosofia e educazione cristiana*, Padova, Libr. Gregor., 1953. O opúsculo pode muito bem orientar o ensino religioso especialmente nas escolas superiores.

83) Jo 8, 11.

ridade. Isso resultava, aliás, como finalidade notória de sua pregação: *Qui perseveraverit usque in finem, hic — sòmente — salvus erit* (84).

O que foi a campanha oficial de um ano para a Ação Católica, deve ser a campanha permanente da caridade pastoral do Sacerdote. Veja-se Cortes S. J.: *Vivere in grazia*; ou a primitiva edição menor: *Ut vitam habeant: per far vivere gli uomini in grazia*. Especialmente para os jovens: *Fiar vivere la grazia*, de autores vários. E, a êste propósito, lembro os dois opúsculos do então Mons. Siri: *L'Educazione dei giovani e la grazia*, e *La direzione spirituale dei giovani*.

A vida na graça, naturalmente, não depende da castidade apenas, mas também da observância de tôda a lei divina. Particularmente também da justiça e da caridade devida. Pense-se no problema muito sério dos ricos e de sua consciência, nos graves deveres próprios dos vários profissionais. Para êstes, uma atualização na moral profissional torna-se necessária ao Sacerdote (Cf. Bicchierai, *Il mondo degli affari*, Brescia, Morcelliana).

*Procurar o pecador: estado de almas, encontros e contactos* - - A conversão do pecador pode ser chamada o objetivo número um da caridade pastoral. De fato, ao menos muitas vêzes, é um pressuposto necessário do ponto precedente, isto é, fazer viver a graça. Muitos pecadores vêm a nós depois de atraídos pela graça divina. Êstes devem ser sempre acolhidos paternal e animadoramente, para que voltem e até aceitem o convite de se tornarem assíduos e regulares às confissões. Persuadir sobretudo os *homens* à confissão, ao menos mensal — conforme o apêlo que Pio XII lançou aos homens católicos — deveria ser como uma campanha silenciosa mas concorde da caridade pastoral de todo o clero católico! Não poderá haver sinal certo de solução da grande crise da vida cristã e moral, até que os homens voltem a encher a Casa de Deus, e a atingir a graça dos sacramentos.

Repetidas vêzes pertence ao pastor deixar as noventa e nove ovelhas boas para ir à procura da centésima ovelha desgarrada; e queira o céu que os desgarrados fôssem sòmente o um por cento. É aqui que a caridade pastoral deve ser particularmente ativa e santamente habilidosa. É aqui que *os exemplos das vidas dos santos podem e devem ser profundamente instrutivos*, como o Santo Cura d'Ars, o Santo das cadeias públicas S. Cafasso, e S. João Bosco com tôdas as classes de pessoas e de todos os níveis. Entre outras, deve ser lembrada aqui uma Pastoral do Card. Siri sôbre o argumento das confissões, em que longa e amplamente insistia sôbre o meio de *encontrar-se constantemente fiéis ao próprio confessionário, com horário certo, ainda que alguma vez aconteça que ninguém se aproxime*. Outro meio o indicava Dom Bosco quando afirmava: "O padre que quer ter o confessionário repleto de penitentes, cuide acuradamente dos doentes" (85). Ele mesmo, em qualquer ocasião, depois de ter conquistado a confiança de muitos com seus modos, não tardava a se insinuar falando de coisas da alma, e perguntando sôbre o estado da alma e da consciência.

Outras vêzes os pecadores, *especialmente em estado grave ou moribundos*,

84) Mt 10, 22.

85) MB, 12, p. 251.

vêm-nos indicados, apresentados, recomendados por parentes ou por pessoas piedosas e zelosas. A caridade pastoral, nestes casos, demonstra todo o seu interesse. Nunca demonstrar-se descontentes, enfadados ou incertos (uma tal pessoa afastou-se por anos da igreja porque, tendo chamado um padre para seu pai gravemente doente, ouviu-se responder: Estou ocupado). Sabemos que às vezes trata-se de casos molestos, difíceis, talvez de gente que recusa a presença do padre, ou já a recusou outras vezes. É necessário não ter medo! Accitar, confiar e orar, invocar a Deus, Nossa Senhora, o Anjo da guarda do doente, do pecador. Experimentar com prudência, estudar o modo, tentar novamente com mais fé e mais coragem. Mesmo o ficar somente ali, perto, rezando em silêncio, ou dizendo alguma boa palavra, quantos, tocados por uma visita afável, simples e desembaraçada, com um lindo sorriso e um cumprimento cordial, depõem todo preconceito, ouvem de boa vontade e se rendem felizes. *O espírito sobrenatural da caridade pastoral deve saber contar também com a graça da misericórdia divina!* Muitas vezes será também o prêmio do zelo e das orações de pessoas devotas que se interessaram por eles. É um conjunto imponderável de sobrenatural que não deve escapar ao cálculo do sacerdote iluminado.

Mais geralmente, porém, é necessário pensar num "estado de almas" metódico, organizado com cuidado paciente e atualizado conforme as necessidades. A genialidade da caridade, assim prevenida e preparada, sugerirá aproveitar tôdas as ocasiões oportunas e providenciais, ou ainda o modo de predispor e de criar os contactos, ao menos para preparar o terreno à graça.

*Irmândades e Associações várias, Ação Católica, Religiosos* — A caridade pastoral do Sacerdote necessita de colaboradores. A caridade pastoral, de fato, que não é invejosa nem ciumenta, mas *congaudet veritati* (86), alegra-se em encontrar, ou melhor, em fomentar e multiplicar quanto mais puder os *cooperatores veritatis* (87). Isso, em primeiro lugar, onde esta ajuda é possível e providencial, nas relações com as obras dos sacerdotes regulares e das Religiosas de tôdas as Ordens e Congregações.

Vêm depois as várias organizações de fiéis, por idade e por categoria, as irmândades e as associações. Aqui a caridade pastoral tem uma palavra essencial a dizer: que estas associações não devem ser "utilizadas" somente, com um certo espírito de apatia ou de serviço, quase como entre donos e empregados, mas devem ser "cuidadas", seguidas e *educadas*, cordial, paternal e pastoralmente. A decência e o bom gosto do próprio vestido ou uniforme, a cortesia em prestar-se nas sagradas cerimônias, bem preparadas e estimuladas, animadas por espírito de fé e de piedade devota, edificante para o povo todo, torna-las-á coisa viva e meio poderoso de espírito religioso na paróquia. Um lindo cântico de orações na igreja, nas procissões, a execução simples, mas devota e perfeita dos cânticos, que atração forte, preciosa e providencial, juntamente com as cerimônias comedidas e organizadas, também para os indiferentes!

E depois os "coroinhas": mas não como um serviço desleixado e só para existir, com elementos muito pequenos, descompostos e mal vestidos, sobretudo

86) 1 Cor 13, 6.

87) 3 Jo, 8.

mal preparados, mas bem organizado, decente, cuidado e preparado como o exige a dignidade do Santíssimo Sacramento, o lugar sagrado da igreja e do altar, o decôro das cerimônias e dos mistérios sagrados. Lembremos que muitas destas negligências são causa não pequena nem última da frieza e também do desprezo de muitos para com as coisas da igreja.

Saibamos, portanto, apreciar a contribuição de leigos muito bons, homens e mulheres que, ainda que não isentos de defeitos humanos, atraem, porém, as bênçãos divinas com sua piedade verdadeira, sobretudo com sua vida habitualmente vivida na graça de Deus.

*Zêlo para as vocações: sacerdotais, religiosas, e para os institutos seculares* — O zêlo para as vocações, particularmente sacerdotais — dignas — é o mesmo zêlo ou caridade pastoral para as almas levada à sua máxima potencialidade. O próprio Jesus, investido do sacerdócio eterno, já que pessoalmente não o deveria exercer de modo visível e em perpétuo sobre a terra, fêz com que seus apóstolos continuassem sua missão.

Assim, pois, todo Sacerdote, com o mesmo espírito, deve querer procurar e fornecer, quanto mais e melhor puder, as pessoas necessárias e idôneas. *Spiritus probate, si ex Deo sint*, podemos aqui repetir (88). *Omnia probate, quod bonum est tenete* (89). Saibamos sugerir à caridade pastoral dos clérigos neste campo, além do fervor e do propósito generoso, também os meios e os modos, e sobretudo critérios sadios. Seja condição absoluta a moralidade: como regra geral, sejam excluídos os viciados inveterados e especialmente os escandalosos ou que tiveram experiências más *cum aliis*. Igualmente exija-se, em absoluto, a reta intenção de procurar a Deus e as almas, não o dinheiro ou a posição social, ou auxílio aos parentes. Inculque-se que nenhum dinheiro é tão bem empregado quanto aquêle empregado a serviço das vocações, especialmente pobres, mesmo com grande sacrifício próprio. Dom Bosco afirmava estar disposto em auxiliar as vocações pobres, ainda à custa de ter que ir mendigando por elas.

#### b) O campo social

*Atrair com a "humanitas Salvatoris"* — Vimos já a lição do exemplo da caridade social no próprio Jesus Cristo. Sua ação mirava beneficiar "o homem", isto é "o homem todo".

Aqui, antes de tudo, devem se colocar tôdas as virtudes chamadas naturais sociais e, mais ainda, aquelas formas e expressões de caridade para saber atrair a si a confiança com a "humanitas Salvatoris". Isso vale, em geral, para aquela tonalidade de bondade compreensiva e pressurosa que se deve imprimir ao caráter próprio. Isso vale, em geral, para os contactos directos e pessoais. Lembremos o exemplo altamente psicológico-pastoral do diálogo de Jesus com a Samaritana, que Ele soube levar da primeira insolência feminina não só à conversão, mas a fazer dela uma apóstola na cidade. O diálogo mereceria uma análise profunda. Lembremos o gesto amigo de Jesus com Zaquêu, e o estu-

88) 1 Jo, 4, 1

89) 1 Tess 5, 22.

pendo resultado da justiça social; a discussão serena, religiosa, na casa de uma pessoa distinta, Nicodemos.

Ainda aqui vai ser lembrado o discurso do Papa Pio XII aos quaresimistas, em sua segunda parte: "Amai de modo particular aquêles que são confiados a vossos cuidados". Ele, ainda que paternalmente sensível ao trabalho quase sempre cansativo de muitos Sacerdotes zelosos, alerta-os contra um perigo: "Um perigo — diz êle — que poderia vir de vosso trabalho excessivo: isso, na verdade, poderia não só vos tornar *mal dispostos*, mas também, às vêzes, completamente *irritáveis*, tornar-vos *menos gentis*, *menos delicados*; *enfim*, *menos caridosos*".

O ponto mais alto seria agir de tal modo que dissessem de nós aquilo que o povo dizia de São Francisco de Sales, de São João Bosco e também de outros santos: "*Parece Nosso Senhor!... Benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri!*" (90).

*A defesa da célula social: a família* — Como a salvação eterna para o indivíduo, assim a família, a sanidade moral e cristã da família deve ser o alvo essencial da caridade pastoral no campo social. Se, em geral, para a educação social-cristã dos fiéis é de per si ótimo o método *por classes*, especialmente pais, mães, jovens: tratando ou fazendo que outros tratem, com a competência e interesse necessários, e com frequência psicológica e pedagógica oportuna, de argumentos aptos e atuais, isso tem importância especial para a *formação moral dos indivíduos de ambos os sexos que se preparam para fundar os novos lares*. Uma caridade pastoral esclarecida e que vê longe deve pensar nisto e prover. Sejam estudadas e adotadas com prudência as melhores experiências. Notemos aqui, como exemplo, o movimento das "Conferências de Caná", espalhado nos Estados Unidos e alhures.

Uma mina e providência perene a respeito disso são e serão sempre os noventa discursos do Pastor Angélico aos noivos. Note-se o valor altíssimo dêsse exemplo augusto de caridade pastoral para a defesa da primeira célula essencial da sociedade humana: a família honesta e cristã.

Disseram: "a família é uma pequena igreja". Frase feliz, que pode ter um significado bellissimo, profundissimo. As igrejas no comêço não eram templos suntuosos, e nem construção sagrada, ainda que modesta, e feita expressamente para tal finalidade; naturalmente nada mais eram do que casas de famílias privadas. Para todo recém nascido deveria ser assim: a primeira igreja é a casa, a família. Se tôda família cristã fôsse o que deveria ser: um templo, e não uma cova (91), o Cristianismo não poderia ostentar um poder maior de expansão prodigiosa.

A caridade pastoral deve ser profundamente consciente desta realidade! Uma cura pastoral inteligente, pois, deve conseguir de tôdas as famílias, com a devida prudência e discrição, o conhecimento da situação religiosa e moral o mais amplo e atual possível. A consulta de um fichário oportuno e ordenado

90) Tit 3, 4.

91) Assim se expressava Tommaseo, falando das escolas e das universidades.

torna-se evidentemente necessária. Lembremos, de passagem, a obrigação, e portanto as respectivas garantias do segredo. Nessa base, favorecer um contato suficiente e recíproco que inspire ao mesmo tempo confiança e prestígio, e que prepare depois para uma ação útil e eficaz, e também para uma colaboração pastoral.

*Conhecer claramente e pregar eficazmente a sociologia cristã* — Neste campo especial, campo também muito vasto da justiça e da caridade cristã, quanto melhor informado e instruído estiver o Sacerdote, tanto melhor. Todavia, o que diretamente interessa ao padre não é propriamente sua ação pessoal, técnica ou profana, mas, como pai e mestre, o conhecimento substancial das situações, dos problemas práticos e de suas aplicações; para que possa dar um juízo moral de orientação prática, e eventuais conselhos para seu ajustamento e solução humana, justa e cristã.

Para tal fim uma leitura metódica e um estudo atento das Encíclicas sociais dos Papas Leão XIII, Pio XI e Pio XII, e de outros documentos, além de lhe inspirar *noções claras e princípios preciosíssimos*, humanos e cristãos, dar-lhe-ão um *sentido* profundo de justiça e de caridade nestas questões, que é o segredo melhor para uma segura orientação de julgamento quando tiver de tratar concretamente de problemas particulares.

Manuais de sociologia cristã, e também meios oportunos de informação teórica e prática, como por exemplo revistas sobre orientação social, não faltam; e são meios úteis de instrução essencial e de atualização.

É significativo que desde a primeira comunidade cristã chamava-se com o nome "charitas" todo o complexo de relações sociais, e não com o termo "justiça". Mais significativo torna-se o nome, se pensamos na generosidade evangélica com que obedeciam aos princípios proclamados por Cristo: eles vendiam o que possuíam de bens, levavam seus frutos aos pés dos apóstolos, colocando-os assim à disposição comum dos irmãos, de modo que ninguém poderia ficar com medo, ou na indigência, ou de modo irremediável cair nela desesperadamente. E não se tratava de saciar a fome com pouco, mas de uma intercomunicação em espírito de amor fraternal; pelo que, em vez de humilhar aos olhos dos pagãos os que eram socorridos, atraía a admiração deles: "*Vide, inquiunt, quomodo invicem se diligant, et quomodo pro alterutro mori sint parati!*" (92). A distribuição dos bens era feita conforme o critério atuante da igualdade fraternal: *ex aequitate... ut fiat aequalitas* (93), enunciado por São Paulo.

É preciso, pois, educar, especialmente o futuro pastor, a esta amplidão de vistas e de coração, e a saber levar a si mesmo e aos outros à ação. Mostre-se em todo o seu esplendor o exemplo ativo e audaz dos Santos, como S. Vicente de Paulo e muitos outros. Atualizem-se os clérigos, informando-os e oportunamente entusiasmando-os com as mais belas iniciativas e obras de caridade modernas, para que as realizem ou ao menos nelas se inspirem. Lembremos já o movimento do "Fraterno Auxílio Cristão" (F.A.C.), já atuante em muitas dioceses. Peçam-se opúsculos informativos, ao centro (Porto Alegre) ou às filiais. Nêle salienta-se não tanto a organização quanto o espírito.

92) Tertuliano, *Apolog.*, ML., 1, 534.

93) 2 Cor 8, 13-14.

Por fim, será sabedoria de caridade pastoral, onde já existem obras de caridade como orfanatos, patronatos, centros de assistência social inspirados e administrados cristãmente, favorecê-las com generosidade sincera, segui-las com interesse e sem invejas ou ciúmes; pelo contrário, promovendo e dirigindo os auxílios e subsídios necessários, para que se amplifique sua obra benéfica e se multipliquem se fôr necessário até que, numa grande ampliação e com pleno efeito, consigam alcançar sua finalidade.

*Assistir, guiar e preparar os homens católicos de ação* — A caridade pastoral não pode, hoje menos do que nunca, ficar satisfeita só com o bem feito na hora. É necessário que todos trabalhem *in solidum* para colocar, procurar ao menos colocar a sociedade, isto é todos os postos-chaves de cada setor importante, sempre mais, em mãos seguras, isto é verdadeiramente cristãs, católicas. Os inimigos de Deus receiam o *catolicismo integral*. Esta perspectiva, parece estranho afirmá-lo, é muitas vezes um espantinho também para muitos dos próprios católicos, homens e mulheres, fruto certamente de profunda ignorância a respeito, e de inveterados preconceitos anticlericais, devidos na maior parte a leituras perniciosas e propaganda sectária. Mas a meta final não pode ser outra, e sobretudo não deve ser perdida de vista pelos inteligentes e responsáveis operários da vinha. O objetivo reclama a solidariedade de consciência e de ação de todo o Clero católico e de todos os leigos, fiéis colaboradores no apostolado.

Em conclusão, cada um saiba individualizar, seguir e cultivar, dirigir oportunamente elementos idôneos, muitas vezes já militantes nas fileiras da Ação Católica. Saibamos dar-lhes não só a sólida e essencial formação católica, de base, mas também a consonância funcional deste espírito cristão com a profissão deles e com o apostolado leigo, para o qual se demonstrem particularmente propensos e aptos (94). A ação vasta e sólida do Clero católico neste sentido não deixará de fazer sentir sua influência benéfica, em todos os setores da vida social, cultural, sindical, política, etc.

*Política católica* — Da política depende muito o andamento também moral e espiritual da sociedade. Se o materialismo histórico é falso, como ideologia metafísica, ele acusa uma autêntica realidade psicológica e moral, que é a dificuldade de reação e de domínio perante o espírito do ambiente. Assim por todos os lados. Daí a importância de uma política ao menos substancialmente boa.

Mas a política do Sacerdote, dizia bondosamente São João Bosco, é a política do "Pater noster". Queria dizer: nós todos somos filhos de Deus, nosso pai comum, o portanto todos irmãos, por criação e por natureza. Somos irmãos também duplamente, pela nossa adoção sobrenatural ou chamada adoção em Cristo. Este princípio inspira também atitudes muito concretas e práticas. De tudo isso provém a conclusão fundamental que deve interessar sumamente à

94) Cf. Tromp S., S.J., *L'Azione Cattolica nel pensiero di S. Giovanni Crisostomo*; Caron, *I poteri giurisdizionali del laicato nella Chiesa primitiva*, Milano, Giuffrè, 1948.

caridade pastoral a êste respeito: trabalhar sèriamente para o princípio supremo da *união dos católicos* sob a guia do Papa e dos Bispos: *Pater, ut sint unum!* (95). O princípio absoluto e transcendente de todo interêsse e opinião pessoal, que deve ficar bem impresso na consciênciã de todos os sacerdotes, e por meio dêles na consciênciã dos fiéis, e êste: *Tudo sacrificar, mas não quebrar, não sacrificar a união ou comprometer a unidade dos católicos!*

#### IV — CONCLUSÃO

##### 1 — *Apontar a caridade pastoral do Pastor Angélico, Pio XII*

Não poderíamos concluir de outro modo êste artigo senão lembrando a corrente bimilenária de exemplos admiráveis de caridade pastoral dos Papas, e, de modo particular, apontando a do *Pastor Angélicus*, como prodigiosamente se demonstrou S.S. Pio XII de f.r., em seu longo, glorioso, multiforme e fecundíssimo pontificado. O próprio divino Redentor, não o devemos esquecer fãcilmente, tornou-o digno, quase que como prêmio de tão grande caridade pastoral, ilustrada e heróica, de uma sua visita pessoal, restituindo-o a uma segunda vida. Com tôdas as categorias, em todos os campos, com pessoas de todos os níveis e circunstâncias as mais diversas, quanta profusão de luz e de confôrto, quanta abnegação e energia de caridade pastoral!

##### 2 — *Aspirar ao zêlo dos Sacerdotes santos e nêle inspirar-se*

Já o dissemos. É necessário conhecer, ampla e eficazmente, a vida dos Sacerdotes santos que se demonstraram campeões no campo pastoral. Primeiro entre todos, padroeiro celeste de todos os párocos, São João Maria Vianney, Cura d'Ars. Quão providencial e divina lição para não confundir o estudo ou ciência humana, ainda que necessário, com a verdadeira sabedoria celeste e sobrenatural! Numa visão ou sonho missionário de 10 de abril de 1886, Nossa Senhora dissera a Dom Bosco: "Cuidado com o êrro que atualmente está em vigor, que é a mistura dos que estudam as artes humanas com os que estudam as artes divinas, já que a ciência do céu não se pode misturar com as coisas da terra" (96). Farto material de exemplos do próprio S. João Bosco se encontra reunido no amplo volume de Pe. Auffray, que tem um título apropriado para nós: *Um gigante da caridade*. Do mesmo modo as grandes figuras de S. Afonso de Ligório e de S. Vicente de Paulo, de S. Caetano de Tiene e de muitos outros.

##### 3 — *Inserir nossa caridade na do próprio Cristo e dos Apóstolos*

Falemos claramente: não há e não pode haver fonte mais segura e mais autêntica, mais viva e mais eficaz, do que o fogo eternamente acceso pela caridade de Cristo: *ignem veni mittere, et quid volo nisi ut accendatur?* (97). É o fogo divino e increado do próprio Espírito Santo, o fogo pentecostal, que é a própria caridade pastoral feita Pessoa: *Cum venerit ille, ipse suggeret vobis*

95) Jo 17, 11.

96) MB., 18, p. 47.

97) Lc 12, 49.

*omnia!* (98). Ora, tudo isto chega a nós através das divinas Escrituras, os Evangelhos em primeiro lugar, e os outros escritos inspirados dos Apóstolos, os quais com a mensagem nos transmitem o verdadeiro caminho a seguir. Devemos também *estudar cientificamente*, mas sobretudo devemos *meditar espiritualmente e místicamente nos abandonar à ação do Espírito Santo*. Inserir vitalmente nossa caridade pastoral na própria caridade vivente de Deus, encarnada na caridade de Cristo, difundida na Igreja com a caridade do Espírito Santo santificador da mesma, é a única maneira de realizar e de poder dizer verdadeira e realmente: *Charitas Christi urget nos!* (99).

98) Jo 14, 26.

99) 2 Cor 5, 14.

## ANUÁRIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — 1958

- Em dois volumes, com 1,200, páginas.
- Excelente apresentação gráfica. Impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Relação completa de todas as obras que os religiosos e as religiosas mantêm no Brasil.
- Relação nominal dos Sacerdotes religiosos e dos Irmãos das Congregações não clericais, com indicação da data de nascimento, ordenação ou profissão, nacionalidade, província religiosa.
- Relação das cidades do Brasil, com indicação da população, Estado e Diocese em que se encontram, e especificação detalhada das casas religiosas existentes.
- Como encartes, no 2.º volume se encontram os Sumários gerais e o Mapa Eclesiástico do Brasil.

À venda na  
**Conferência dos Religiosos do Brasil - Rio**  
 Cr\$: Cr\$ 920,00

# OS POLOS DA VIDA HUMANA

*Irmão José Otão F. M. S.*

1 — Quando Alexis Carrel publicou “O homem, esse desconhecido”, passaram muitos leitores em face de algumas afirmações do genial escritor. E não podia deixar de ser, pois, certas questões por êle abordadas representavam análise de aspectos novos até então não considerados na vida da pessoa humana.

O que, todavia, Carrel não afirmou mas deixou implícita é a afirmação da existência de mil e uma novas facetas no homem, facetas que a argúcia dos observadores e a paciência dos pesquisadores vai aos poucos descobrindo e desvendando.

É sobretudo no campo psicológico que em nosso século os progressos foram mais extensos, talvez pelo número maior de estudiosos destes problemas, talvez pela necessidade de dar solução aos casos sempre em número crescente de anomalias psicológicas.

O certo é que o progresso das ciências humanas nunca se faz isoladamente. As ciências correlacionadas ou progridem juntas ou não progridem. E' assim que os conhecimentos relativos ao homem sob o ponto de vista psicológico, biológico e espiritual, têm-se desenvolvido sempre, fornecendo “aos que têm olhos para ver” a linha de ação para um útil e eficaz emprêgo da existência. Em consequência, para não perder de vista esta linha de ação, é necessário voltar de vez em quando a atenção para os temas centrais para a verdadeira espinha dorsal do edifício humano considerado na sua totalidade. Só assim haverá perspectivas de valorização da vida humana.

2 — Sob três aspectos ou em três níveis podemos considerar a vida humana: o biológico, o psicológico e o espiritual. Em cada um deles o homem, ser vivo que é, desenvolve movimento e ação, pois, o caráter mais objetivo da vida é o movimento. Mas, o dinamismo da ação vital é o resultado de forças intrínsecas ao ser que procuram realizar dois movimentos principais, um de conservação e outro de intercâmbio ou comunicação. De um lado o ser vivo quer conservar-se e permanecer na vida; de outro não se bastando a si mesmo, necessita dos demais seres, devendo manter com êles contínua troca de ações.

Estes dois movimentos de permanência e comunicação, verdadeiros instintos do ser vivo ou, melhor, verdadeiros polos da vida, no caso específico do homem se desenvolvem não só no campo biológico, mas também no psicológico e no espiritual.

É precisamente o exame desta interessante questão que se pretende estudar nestas linhas, deixando, porém, à inteligência, à argúcia e à meditação dos leitores o trabalho de completar as idéias e sugestões aqui apenas esboçadas.

A riqueza do tema é inexaurível, pois, mesmo após a descoberta das linhas estruturais fundamentais, permanecem ainda as infinitas variações dos casos individuais que tornam o estudo da poesia humana, considerada em bloco, extraordinariamente interessante e profundamente complexa.

3 — Deter-nos-emos inicialmente no nível biológico, o mais elementar, o de menor valor, embora suporte dos demais.

O homem, sob o ponto de vista fisiológico, é um ser vivo, conseqüentemente, portador de tôdas as exigências dos seres vivos. Destacam-se, entre outras, as duas supra-assinaladas: conservação e intercâmbio. Tem o homem um conjunto de constantes orgânicas que êle deve manter para que perdure à vida. Assim, o calor vital, a pressão arterial, a respiração, o tonus geral, fruto de uma alimentação adequada, etc. Por outro lado, o homem vive num ambiente físico com o qual obrigatoriamente está em comunicação e intercâmbio. A respiração e a transpiração lhe permitem a renovação necessária para a permanência na vida.

Mas, embora a ação ambiente seja real e efetiva, o organismo tem meios de proteção contra os excessos possíveis, de tal modo que as altas temperaturas como igualmente, as baixas, atuando, não obstante, fortemente sobre o corpo vivo, não conseguem alterar-lhe a temperatura média.

Por outro lado se faltassem ao ser vivo os canais de comunicação com o meio ambiente não lhe seria possível a existência; outrossim, se fossem rotas as comportas de um equilíbrio fisiológico, por efeito de ações extrínsecas ou intrínsecas excessivas, também não lhe seria possível a permanência na vida.

Há, pois, um meio termo, há um equilíbrio entre permanência e intercâmbio de forças fisiológicas que determinam a posição verdadeiramente favorável ao ser vivo e que, no caso do humano, denominamos de saúde física, ou saúde do corpo. A saúde, é, pois, o equilíbrio entre as forças de conservação do ser vivo e as forças de renovação. É um elemento fundamental da vida humana, elemento que lhe facilita a expansão nos outros níveis.

4 — O segundo nível a considerar é o psicológico. O psiquismo humano também é movido pelas duas forças já assinaladas: uma tendência de conservação e uma tendência de intercâmbio. Estas duas forças operam talvez com mais intensidade que no nível biológico, especialmente no primeiro quartel da existência.

Cada indivíduo, desde a infância, aos poucos vai estruturando a personalidade pela afirmação do próprio ser e pelas reações psico-sociais.

O primeiro movimento é de afirmação, de existência, à procura de uma

lugar na sociedade. Quando a criança, o adolescente, o moço, o adulto enfim, encontram ambiente favorável à própria afirmação, o desenvolvimento se torna mais harmonioso e o equilíbrio psíquico mais fácil. Quando, ao invés, o novo ser que surge encontra num meio hostil, contrário ou simplesmente indiferente, então operam-se reações bruscas, formam-se complexos de toda ordem que o infelicitam, o desgostam, fazendo-lhe antever penosos dias. Os dois movimentos de conservação e comunicação devem completar-se.

Os homens de todas as idades são extremamente sensíveis ao extravasamento psicológico.

Os planos e projetos aparecem em todos como radiosas esperanças as quais se desmantelam ao sopro da indiferença, da incompreensão ou da fricção do meio-psico-social.

Todas as frustrações de que tanto se ocupa a psicologia freudiana não passam de planos ou projetos não realizados ou mal-satisfeitos.

Descontados os casos psico-patológicos, nos quais os atos são mal regulados, as ações humanas, habitualmente, recebem impulso favorável ou desfavorável do meio ambiente em que são praticadas.

A reação favorável é estímulo a novas iniciativas e motivo de afirmação do psiquismo; a desfavorável, pelo contrário, é inibitória e criadora de desequilíbrio. Como muito bem afirma Nuttin em sua magnífica obra "Psicanálise e Personalidade", "a criança ao sentir-se amada e cercada de afeição adquire confiança em si mesma, se sente alguém, se mantém e se expande psicologicamente. O inverso também é verdadeiro". O mesmo se dirá, "mutatis mutandis", do homem em geral. A confiança em si, aguilhão de iniciativas, leva a sair de si e realizar as comunicações com os demais, as quais permitem o reforço do psiquismo, com real e proveitoso enriquecimento.

O equilíbrio psicológico, desenvolvido e mantido na pessoa humana, representa a saúde psíquica, designação empregada por analogia com a saúde física.

5 — O terceiro nível humano é o espiritual. Nos refolhos da alma humana há sempre um sopro de eternidade e de absoluto. Há uma ânsia indefinida e indefinível de permanência e de enriquecimento. O espírito é forte, é decidido. Arquitecta, planeja, sonha, aspira. Nada o detém. Mas, se nada lhe tolhe as idealizações, sente toda a fraqueza e pobreza na hora das realizações. O vigor que o impulsiona em certas horas é substituído pela angústia, fruto dos contratempos ou dos fracassos. Por outro lado, a precariedade da vida considerada no seu conjunto, contrasta com os sonhos de duração, de permanência e de estabilidade alimentados pelo homem.

Por isso, assim como no nível psicológico, o homem encontra no intercâmbio seu enriquecimento, assim no nível espiritual, encontrará em contato com Deus sua tranquilidade e sua plenitudinização. Por isso, o genial bispo de Hippona escreveu: "Nosso coração, Senhor, foi feito para vós e enquanto não descansa em vós não terá sossego".

É pela prece que o homem se comunica com Deus e a ele se une; e é por ela que Deus derrama seus favores ao homem. Quanto maior a união, maior

o enriquecimento, pois, a presença de Deus no homem por efeito da graça, mantida e desenvolvida pela oração, é por si só princípio de eternidade. O homem que vive unido a Deus tem lançado suas âncoras no absoluto. Nada lhe pode acontecer. Vive por isso tranquilo, isento de angústias e livre de frustrações. Possui a verdadeira saúde espiritual que, quando perfeita, é a santidade.

6 — Examinadas as ações do homem nos três níveis, decorrentes das duas tendências centrais de conservação e comunicação, verdadeiros polos da vida, fácil nos é chegar às naturais ilações.

Devemos assinalar de imediato que o equilíbrio fisiológico, psicológico e espiritual acima analisado realiza-se facilmente nos casos de normalidade, com maiores dificuldades em face de anomalias, pois, então, seguramente se verificam desajustes e contratempos.

Quando se verificam estes últimos casos o importante é que haja por parte do homem consciência clara da realidade da vida e seja mantida a hierarquia dos níveis analisados, antepõe-se o espiritual ao psíquico e este ao fisiológico. Os heróis autênticos, os santos de Deus, as criaturas que lograram a perfeição na existência, também sofreram contratempos de toda ordem; mas, fizeram da saúde espiritual, isto é, da união com Deus, o ambiente habitual de suas vidas e, em consequência, as possíveis frustrações se converteram em instrumentos de humildade, de confiança e de amor, consequentemente, de mérito e de glória.

Por isso é que somente à luz da fé religiosa os polos da vida humana recebem a explicação total e só dentro dela o homem encontra o equilíbrio perfeito.

## CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA

# «SEDES SAPIENTIAE»

e anexos

## ESTATUTOS GERAIS

SOBRE A FORMAÇÃO RELIGIOSA, CLERICAL E APOSTÓLICA  
A SER DADA AOS CLÉRIGOS DOS ESTADOS DE  
TENDÊNCIA A PERFEIÇÃO

Edição em língua portuguesa da Sagrada Congregação dos Religiosos, curada pela Conferência dos Religiosos do Brasil.

Volume de 112 páginas, em papel couchê, 24 x 16,5.

Pedidos à

PREÇO Cr\$ 100,00

**CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL**

Av. Rio Branco, 131-9.º

RIO DE JANEIRO

# ASPECTOS SÓCIO-RELIGIOSOS E SÓCIO-GRÁFICOS DO BRASIL

Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.

## INTRODUÇÃO (1)

Por volta de 1930 foi possível constatar nitidamente na imprensa católica mundial, particularmente na França e na Itália, um certo rumor com o fato de que a França, que trazia, há séculos, o título honorífico da maior nação católica, se via suplantada pela Itália.

Poucos então supunham que uma nova mudança rápida e radical sobreviria e que este título seria tomado por um país do Novo Mundo. Com efeito, em 1950 o recenseamento da população do Brasil já demonstrava que este país com seus 51.976.357 habitantes dos quais 93,49% católicos, se encontrava na dianteira. É de se prever, além disso, que o Brasil ocupará este lugar ainda muito tempo, considerando-se sobretudo sua alta taxa de natalidade.

Isto já constitui um motivo suficiente para explicar o interesse sempre crescente que o Vaticano testemunha ao "País de Santa Cruz". Em vista, entretanto, das circunstâncias particularmente críticas que atravessa atualmente a

---

(1) Não é sem hesitação que apresentamos aos leitores da nossa Revista a tradução do artigo "*Aspects socio-religieux et sociographiques du Brésil*", que publicamos em 1957 na Revista internacional "*Social Compass; bimonthly review devoted to sociology, sociography, social psychology and statistics*", vol. V, n.º 5-6. Esta hesitação se baseia na consideração de que o estudo foi elaborado na base de dados estatísticos religiosos, muito defeituosos. Pois, naquela época ainda não dispúnhamos do I Anuário Católico da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil de 1957, nem do II Anuário dos Religiosos de 1958. Por causa do progresso da estatística eclesiástica e religiosa e que esses Anuários representam, seria necessário refundir fundamentalmente o nosso estudo, atualizando-o. Para tanto, porém, nos falta perfeitamente o tempo indispensável.

Contudo, julgamos útil a publicação desse estudo, por ser ele, até agora, o único que dá uma visão sintética, mais ou menos integral, sobre a situação religiosa-moral do Brasil. Várias pessoas que tiveram conhecimento da existência do nosso artigo, como também os Padres-estudantes do Instituto de pastoral da CRB, insistiram no sentido de pôrmos ao alcance de todos os Religiosos do Brasil o resultado dos nossos estudos. Foi perante essas insistências que nossa hesitação capitulou.

Igreja Brasileira, é desejável que a Igreja Mãe inteira se preocupe intensamente com ela.

A presente situação da Igreja no Brasil é explicada em grande parte pela evolução histórica desta comunidade católica.

Descoberto em 1500 por Cabral, o Brasil foi incorporado como colônia (1500-1822) ao império mundial português. Portugal, que não contava nesta época senão com 2.000.000 de habitantes, empreendeu imediatamente a cristianização dos territórios recém-conquistados, mas não dispunha de número suficiente de padres para prover normalmente doravante, além da metrópole, às vastas possessões coloniais da África e Ásia, e, simultaneamente, ao imenso território brasileiro. É assim que a falta de padres deixará desde o começo a sua marca sobre a nova Igreja.

Além disso, em particular sob o reino do Marquês de Pombal, primeiro Ministro de Estado português de 1750 a 1777, a maçonaria vem se implantar no Brasil. A primeira consequência funesta deste estabelecimento para a Igreja foi a expulsão dos Jesuítas (20 anos antes da supressão da Ordem por Roma) que tinham sido os pioneiros do cristianismo no país. Mais tarde, a Maçonaria volta a reforçar ainda sua influência sobretudo a partir de 1810, ano da conclusão de uma aliança entre Portugal e a Inglaterra que tinha, entre outras cláusulas, a liberdade de culto para os não católicos, igualmente no território não metropolitano.

Profundas influências maçônicas se fizeram sentir especialmente na Faculdade de Direito de São Paulo de onde se estenderam aos diversos centros científicos e até à Faculdade de Direito de Pernambuco. Progressivamente, um grande número de futuros magistrados se comprometeram nas fileiras da maçonaria, o que teve por consequência que o Brasil, durante muito tempo, foi o tipo do país de governo maçônico.

Na segunda fase da história do Brasil, isto é, a do Império (1822-1889), este fenômeno torna-se ainda mais evidente. O anticlericalismo da Maçonaria, secundado pela política regalista da Côrte, conduziu então a uma perseguição religiosa cujo episódio de maior ressonância foi a prisão, o processo e condenação de D. Frei Vital Gonçalves de Oliveira e D. Antônio Macêdo da Costa, respectivamente bispos de Olinda e de Belém do Pará. Todavia, mais nefasta ainda para a Igreja Brasileira, foi a política seguida com furo pelo regime maçônico que visava fazer desaparecer, lenta mas seguramente, a vida conventual que, desde o princípio, tinha constituído a principal coluna do catolicismo brasileiro. Não é senão na véspera da queda do Império, mais ou menos em 1880, que novas congregações religiosas missionárias vieram se introduzir neste vasto país e preservar do desaparecimento total iminente os conventos ainda existentes.

A queda do Império e a proclamação da República (15 de Novembro 1889) abre a terceira fase da história do catolicismo brasileiro. Esta mudança se produziu sob a influência do positivismo de Augusto Comte — que o mundo dos juristas brasileiros saboreou especialmente com avidez — e também a do republicanismo liberal norte americano. A nova República, que respirava um espírito agnóstico e laicista, acreditou poder se desembaraçar da Igreja desorga-

nizada, e é por isto que decretou a separação da Igreja do Estado. Esta medida, no entanto, teve como resultado suscitar um despertar no seio do catolicismo que desde então, teve tãda liberdade de agir nos seus negócios internos. Desde o primeiro quarto d'êste século, uma mudança favorável pôde ser notada, pois a Igreja recomeça visivelmente a ganhar terreno entre os intelectuais e a classe dirigente. Isto ocasionou na vida social e política do país uma corrente para uma volta a um espírito mais cristão que começa a se delinear; a Constituição de 1934 — proclamada pela Assembléia Constituinte "sob a bênção de Deus" — foi o primeiro testemunho público a respeito. A Igreja parece ter saído da profundidade de sua letargia e ter adquirido uma vitalidade nova.

Se não se quer ter um julgamento injusto da situação presente da vida da Igreja no Brasil, é preciso conhecer a fundo o processo dessa evolução. Apesar de tãdas as imperfeições que se podem ainda descobrir em nossos dias, não se deve esquecer o progresso já realizado desde o comêço d'êste século.

## I CAPÍTULO — A POPULAÇÃO (1)

Para se fazer uma idéia justa do catolicismo brasileiro, é indispensável ter um conhecimento profundo da população d'êste país e dos principais problemas acarretados por ela. Êstes problemas, mais agudos e complexos aqui que em qualquer outro lugar, dão ao catolicismo uma fisionomia tãda particular.

A imensa superfície do Brasil representa 8.513.844 km<sup>2</sup>., o que equivale 16 vêzes a da França. Só êste fato bastaria, em razão principalmente da fraca densidade de população, para trazer ao país uma série de problemas de ordem administrativa, econômica, social e até eclesial.

### I — SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA

Em 1950, na sua superfície de 8.513.844 km<sup>2</sup>, o Brasil contava, segundo resultados do recenseamento oficial, com 51.976.357 habitantes.

#### A) — Densidade da população

O Brasil é ainda na sua maior parte um país pouco povoado, se tomamos por base os dados de 1950 que indicam uma média de sãmente 6,1 habitantes por km<sup>2</sup>. Existe no entanto uma diferença considerável na densidade da população entre as diversas regiões que podemos dividir em 3 grupos:

I — Primeiramente uma vasta região contínua, formada pelos Estados do Pará e Amazonas com os 4 Territórios Federais, Rondônia, Acre, Rio Branco e Amapá ao noroeste e pelos Estados de Goiás e Mato Grosso a oeste. Esta Região imensa, que compreende 62% do total do território brasileiro, não conta senão com 7% da totalidade da população. A densidade da população não ultrapassa a 0,7 habitantes por km<sup>2</sup>. Esta região, no seu conjunto, pode muito

1) Todos os dados demográficos contidos neste capítulo provêm, salvo aviso contrário, do recenseamento oficial realizado em 1950.

bem ser chamada uma "no man's land" na qual não se pode cogitar de uma implantação normal da Igreja e de uma pastoral correspondente.

2 — Um segundo grupo de regiões que para o Brasil poderia ser classificado entre regiões de forte densidade.

Trata-se de duas categorias de Estados: uma situada ao nordeste e que compreende os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe; outra, situada a leste, a saber os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e o Estado da Guanabara. Estas duas categorias de Estados, que não representam senão uma superfície de 18% com relação total do país, contam no entanto com 63% da totalidade da população, com uma média de 21,56 habitantes por km<sup>2</sup>.

3 — Entre a "no man's land" acima citada e o grupo de regiões com população relativamente densa, encontra-se um grupo intermediário compreendendo 3 regiões: primeiramente, ao norte, os Estados do Maranhão e Piauí, depois, a leste, o estado da Bahia, e enfim, ao sul, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Este terceiro grupo cobre 20% da superfície total e compreende 30% da totalidade da população com uma média de densidade de 8,88% por km<sup>2</sup>.

Em geral, a densidade da população vai diminuindo rapidamente à medida em que se dirige para o interior das terras, de sorte que o litoral de 350 km de extensão — o que é considerado no Brasil como relativamente estreito — compreende mais de 90% da população total. Todas as cidades de mais de 44.000 almas estão situadas nesta zona costeira, com exceção somente de Manaus, no Amazonas. Pode-se ainda distinguir nesta zona duas regiões muito densas, a saber: no nordeste, um raio em volta das cidades de Natal e Recife, e, especialmente à leste, em volta das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

O Brasil representa ainda o tipo do país de população rural, ainda que atualmente a urbanização progrida rapidamente. Isto é nitidamente demonstrado pelo quadro n.º 1.

Os municípios contam na zona urbana 18.789.000 almas e na zona rural

#### QUADRO N.º 1

##### *Concentração da população no Brasil (1950)*

Densidade das aglomerações	n.º de municípios	n.º de habitantes	% da população total
500.000	3	4.832.458	9,30
100—500.000	8	2.040.777	3,93
50—100.000	22	1.613.409	3,11
10—50.000	187	3.656.858	7,04
5—10.000	258	1.782.267	3,43
2—5.000	692	2.085.588	4,01
2.000 ou esp.		35.933.040	69,18

33.187.000, ou seja, respectivamente, 36% e 64% da população total. A maior parte dos habitantes compreendidos neste 64% vive em condições alarmantes no que concerne aos cuidados médicos, à assistência social, ao ensino e à pastoral. É sobretudo este grupo de população que dá ao Brasil o título de "país sub-desenvolvido".

### B) — Crescimento da População

A população do Brasil cresce com muita rapidez. De 1872 a 1950, a percentagem do aumento é de mais de 400:

1872	.....	10.099.000	habitantes
1890	.....	14.199.000	"
1900	.....	17.984.000	"
1920	.....	27.404.000	"
1940	.....	41.114.000	"
1950	.....	51.976.000	"

De 1940 a 1950, o aumento se elevou a 10.862.000, isto é, 26.66%. Dentre os próprios países latino-americanos, que se distinguem no mundo pelo crescimento particularmente rápido da população, o Brasil ocupa a este respeito um dos primeiros lugares. De 1920 a 1953, a população de 7 Estados latino-americanos teve um aumento de mais de 100%.

### QUADRO N.º 2

*Crescimento da população do Brasil comparado ao de outros países de 1920 a 1953*

Países	1 9 2 0	1 9 5 3	%
República Dominicana ...	879.000	2.291.000	160
Guatemala .....	1.314.000	3.094.000	150
Venezuela .....	2.408.000	5.440.000	126
Costa Rica .....	421.000	881.000	108
Argentina .....	3.861.000	18.393.000	107
Paraguai .....	699.000	1.496.000	105
Brasil .....	27.404.000	55.772.000	104
Austrália .....	5.360.000	8.829.000	68
Índia .....	249.539.000	372.000.000	49
Espanha .....	21.196.000	28.528.000	34
U. S. A. ....	108.466.000	158.306.000	33
Itália .....	36.747.000	47.756.000	30

O rápido aumento da população no Brasil não tem por causa principal a imigração — de 1884 a 1953, somente 10% no aumento tem por origem a imigração — mas se explica pela taxa particularmente elevada dos nascimentos que é de mais de 43 para mil habitantes. Se o crescimento prosseguir no mesmo ritmo — e nada deixa prever o contrário em futuro próximo — o Brasil contará em 1980 com mais ou menos 110.000.000 de habitantes. Sendo já atual-

mente a nação que conta com o maior número de católicos, em 1980 o Brasil estará muito mais a frente de todos os outros países.

Mais de 20% do total do crescimento entre 1940 e 1950 provém das 9 cidades que contam com mais de 200.000 almas, embora, em 1940, não cobrissem senão 8.93% da população total. A percentagem do aumento destas cidades é em geral muito superior à do conjunto do país.

### QUADRO N.º 3

*Crescimento da população em algumas das grandes cidades do Brasil de 1940 a 1950*

Cidades	1 9 4 0	1 9 5 0	% do aumento
Rio de Janeiro .....	1.529.538	2.335.932	52
São Paulo .....	1.269.485	2.041.716	61
Recife .....	329.178	522.466	60
Salvador .....	294.397	395.933	34
Pôrto Alegre .....	262.678	381.964	46
Belo Horizonte .....	179.770	346.207	92
Belém .....	167.654	230.181	37
Fortaleza .....	142.439	213.604	50
Santos .....	158.774	201.739	33
			média do país: 26.66

Os problemas ocasionados por esta rápida urbanização constituem o tema do capítulo VII, 1.

#### C) — *Imigração estrangeira*

A imigração é um fenómeno conhecido no Brasil há bastante tempo e que se revestia, até a metade do último século, dum carácter todo particular. Ela compreendia então quase que exclusivamente imigrantes de origem portuguesa, pois a lei interditava toda imigração de outras nações. Os portugueses, contrariamente às outras potências colonizadoras deste tempo, tais como os Países Baixos, a Inglaterra e a França, se misturavam muito facilmente à população indígena autóctone, bem como aos elementos negros importados da África. De outro lado, eles não constituíam aglomeração ou colónias fechadas mas se espalhavam pouco a pouco, em leque, dos portos de desembarque — principalmente Recife no nordeste e Rio de Janeiro — para o interior do país. Isto deu nascimento a uma população mestiça bem nova e típica, a população brasileira, e fêz do conjunto deste vasto território um país de língua e de cultura portuguesas.

Em meados do último século, uma modificação radical se produziu na política brasileira de imigração, tendo este país, entretantes, banido o jugo português e proclamado sua independência (1882). Abre então suas fronteiras aos imigrantes de outras nações e começa mesmo a encorajar estes movimentos. Foi assim que tiveram lugar sucessivamente as grandes imigrações de origem

alemã, espanhola, italiana especialmente, enfim polonesa e japonesa, que atingiram seu ponto culminante entre 1904 e 1913, com um total de 1.006.617 imigrantes num espaço de 10 anos.

De 1884 a 1953, o Brasil acolheu 4.396.504 imigrantes que podem ser repartidos assim:

195.510	Alemães	.....	(4.5%)
244.955	Japoneses	.....	(5.5%)
623.184	Espanhóis	.....	(14.2%)
1.174.974	Portuguêses	.....	(26.8%)
1.465.162	Italianos	.....	(33.5%)

No que concerne aos Polonêses, não possuímos senão os dados para os anos de 1947 a 1949. Representam, num total de 11.561 imigrantes, 9.5% das chegadas registradas no curso deste período.

Os números que acabamos de citar demonstram que quase a totalidade dos imigrantes são de religião católica, a saber: os Espanhóis, os Portugueses, os Italianos e mesmo a maior parte dos Alemães (de 1821 à 1940 somente 0,3% dos imigrantes eram protestantes) e que no Brasil a grande parte de pagãos não é constituída pelos índios não batizados — dos quais o número é inferior a 200.000, mas pelos japoneses.

Os Espanhóis, que no resto da America Latina, observavam por tradição uma política de imigração idêntica à adotada por Portugal, continuaram a seguir esta política no Brasil, de maneira que não se formaram “aglomerações espanholas”.

Espalhados através de uma boa parte do território brasileiro — a estreita semelhança entre sua língua e a língua portuguesa facilita um estabelecimento individual — os imigrantes espanhóis, apesar de seu número bastante elevado, não formam no Brasil um grupo de população distinta. Em compensação, os Polonêses, os Alemães, os Japoneses e os Italianos imigraram manifestamente em grupos e formaram verdadeiras “colônias”, o que mantém entre êles um profundo sentimento de solidariedade e atualmente ainda atraza consideravelmente sua assimilação ao resto da população brasileira, impedindo especialmente os casamentos entre nubentes de nacionalidade diferente. Os grupos de população assim constituídos se distinguem, por isto, de maneira muito nítida na comunidade brasileira. Êles estão instalados principalmente em 4 estados meridionais, a saber: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estas regiões, por causa do clima subtropical, oferecem condições de vida mais normais e, graças à fertilidade do seu solo, convém particularmente à agricultura. Por outro lado, os 3 estados situados mais ao sul são ainda pouco povoados. 90% dos imigrantes japoneses se fixaram no Estado de São Paulo, a maior parte dos alemães no Rio Grande do Sul, os Polonêses no estado de Sta. Catarina, enquanto que os italianos se espalharam através de diversos Estados e conservaram menos sua homogeneidade.

A maior parte dos imigrantes não se estabeleceu nas grandes cidades, mas nas pequenas e mais ainda na zona rural, longe das aglomerações.

A porcentagem destes últimos, entre 1940 e 1950, era de 54% para um total de 112.000. As migrações internas brasileiras, assim como vamos ver, mostram

uma tendência totalmente contrária, isto é, o êxodo do campo para os centros urbanos.

A imigração de proveniência estrangeira do último século deixou sua marca sobre os 4 Estados acima citados; fracamente sobre o Estado relativamente muito populoso, de São Paulo; mais nitidamente se nos dirigimos para o sul e, enfim, mais fortemente, no Rio Grande do Sul. As consequências favoráveis desses movimentos são evidentes e se refletem não somente numa estrutura economico-social mais normal, mas têm também uma influência feliz sobre a situação da Igreja, que aparece, em particular, no número das vocações sacerdotais e religiosas.

A situação da imigração no Brasil em 1950 se apresentava como segue: para um total de 51.976.357 habitantes, contava-se:

50.759.073	.....	brasileiros natos
128.897	.....	brasileiros naturalizados
1.085.287	.....	estrangeiros
3.100	.....	de nacionalidade desconhecida

Isto demonstra que somente um pequeno número de imigrantes accede à naturalização (10% do total). Isto explica-se principalmente pelo fato de que as crianças nascidas no Brasil de pais estrangeiros, adquirem automaticamente a nacionalidade brasileira com todos os direitos civis que isto comporta, a menos que os pais na ocasião de registrar a criança se oponham de maneira formal. É por isto que os números que figuram acima sob o título "brasileiros naturalizados" e sob "estrangeiros" indicam o total dos imigrantes vivos em 1950, mas os filhos deles, nascidos no Brasil, figuram no total dos "brasileiros natos".

A distribuição dos imigrantes se encontra ilustrada no quadro n.º 4

A imigração, que atingiu no curso de nosso século seu ponto culminante nas vésperas da primeira guerra mundial, com um total de 190.333 imigrantes

#### QUADRO N.º 4

##### *Repartição dos imigrantes no Brasil em 1950*

Lugar de estabelecimento	Estrangeiros	Brasileiros naturalizados
São Paulo (Estado) .....	627.433	65.888
Rio Grande do Sul .....	63.459	14.679
Guanabara .....	195.881	14.573
Paraná .....	65.503	11.089
Santa Catarina .....	15.330	3.737
Total .....	967.606 seja + 90% de totalidade de estrangeiros.	109.966 ou seja + 80% da totalidade dos naturalizados.

em 1913, nos anos seguintes vê seu total abaixar até 19.793 em 1918; depois toma um novo impulso e chega ao total de 118.686 em 1926. A partir desta data pode-se constatar uma baixa progressiva até o momento da segunda guerra mundial, com um total de 22.668 em 1939, o que provém do fato de o governo brasileiro ter decretado uma regulamentação mais severa para a imigração. Tendo o Brasil tornado mais flexível sua política de imigração, em parte sob a pressão da opinião mundial e sobretudo sob a influência da Igreja, desde o ano 1946, que indica um total de 13.039, o número de chegadas aumenta de maneira particularmente regular até 1953, quando se registram 80.070 imigrantes.

#### D) — Migrações internas brasileiras

A população no Brasil é bastante instável e muda frequentemente de domicílio. Pode-se constatar 3 espécies de deslocamentos: do campo para a cidade, do interior para a costa, e do norte (especialmente dos Estados situados a nordeste) para o sul, particularmente para a cidade do Rio de Janeiro e o Estado de São Paulo.

##### 1. O próprio fenômeno das migrações intrabrasileiras

a) O aumento rápido e anormal das grandes cidades (conforme acima B) é já um índice muito nítido do êxodo do campo para a zona urbana. As cidades com mais de 200.000 habitantes mencionadas acima não representavam, em 1940, senão 8,93% da população do país, enquanto que, em 1950, tratava-se já de 12,86%. Este mesmo fenômeno se encontra em todo o Brasil, mesmo quando se trata de centros urbanos de menor importância.

Os números que seguem podem ser dados a título de indicação:

	1940	1950	Aumento em 1940-1950
Número de habitantes dos Centros urbanos	12.844.000	18.789.000	46.95
Número de habitantes da zona rural	28.270.000	33.187.000	17.39

A média do aumento no conjunto do país se elevava a 26,66. Isto demonstra que a percentagem do crescimento dos centros urbanos ultrapassa muito àquela de todo o país, enquanto que, em compensação, a percentagem dos campos lhe é de muito inferior. Resulta que 2.500.000 pessoas mais ou menos abandonaram a zona rural pelos centros entre 1940 e 1950.

b) O êxodo do interior para o litoral é, na realidade, ainda mais notável embora, sobre o assunto, nenhum dado estatístico esteja disponível. No entanto, o fato das grandes cidades acima citadas de mais de 2.000.000 habitantes serem todas costeiras (com exceção de Belo Horizonte que está situada a 350 km. para o interior) é suficiente para demonstrar a autenticidade deste julgamento.

c) O deslocamento do centro de gravidade da população do norte para o sul não merece menos ser notado. A percentagem da população total que os diver-

ses estados representavam respectivamente em 1872, 1920 e 1950 acusa enormes diferenças. O Estado da Guanabara e os 4 Estados mais meridionais viram sua percentagem aumentar consideravelmente.

#### QUADRO N.º 5

*Crescimento e diminuição da proporção representada pela população total em alguns estados do Brasil depois de 1872*

Estado	Porcentagem da população total		
	1 8 7 2	1 9 2 0	1 9 5 0
Guanabara .....	2,72	3,78	4,58 (+)
São Paulo .....	8,28	15,00	17,56 (+)
Paraná .....	1,25	2,24	4,08 (+)
Santa Catarina .....	1,58	2,18	3,00 (-)
Rio Grande do Sul .....	4,42	7,12	8,01 (+)
Ceará .....	7,14	4,31	5,20 (-)
Rio de Janeiro (Estado) ..	8,11	5,09	4,42 (-)
Pernambuco .....	8,33	7,04	6,52 (-)
Bahia .....	13,64	10,87	9,31 (-)
Minas Gerais .....	20,80	19,22	14,90 (-)

d) Inquanto que os deslocamentos de população em questão sob "a" e "b" podem eventualmente ter lugar no interior mesmo das fronteiras de um Estado e não representar assim senão pequenas distâncias, os deslocamentos mencionados sob "c", ao contrário, fazem alusão a uma migração de um Estado a outro, o que significa freqüentemente grandes distâncias.

A extensão destas últimas migrações revestiu-se de tais proporções nêstes últimos anos que constitui no Brasil um dos problemas sociais mais angustiantes. Em 1940, 3.450.964 brasileiros de nascimento se encontravam fora de seu estado de origem enquanto que, em 1.950, este número alcançou

#### QUADRO N.º 6

*Estados do Brasil com mais forte emigração e mais forte imigração de 1940 a 1950*

Emigração		Imigração	
Minas Gerais .....	1.367.239	São Paulo .....	1.064.009
São Paulo .....	507.248	Guanabara .....	929.846
Rio de Janeiro (Est.) ..	504.130	Paraná .....	661.456
Bahia .....	430.217	Rio de Janeiro (Est.) ..	365.756
Pernambuco .....	311.138	Goiás .....	281.364

5.206.319; em outros termos no espaço de 10 anos, seu número tinha aumentado de 1.755.355 ou de 50.9%. Este total não compreende os operários que são empregados em certas estações e que se deslocam cada ano em grande número para um outro Estado, nem as numerosas pessoas que emigraram desde 1940 mas voltaram ao seu país de origem antes de 1950 ou morreram.

#### QUADRO N.º 7

*Estados do Brasil com mais emigração e mais forte imigração de 1940 a 1950*

<i>Estado</i>	<i>Superavit</i>	<i>Estado</i>	<i>Déficit</i>
Guanabara . . . . .	787.793	Minas Gerais . . . . .	1.156.371
Paraná . . . . .	590.146	Baia . . . . .	289.323
São Paulo . . . . .	556.761	R. G. Sul . . . . .	161.141
Goiás . . . . .	244.101	Ceará . . . . .	160.948
		Paraíba . . . . .	146.621
		Alagôas . . . . .	140.575
		R. Janeiro (Est.) . . . . .	138.374

Todos os Estados, em maior ou menor proporção, apresentam o fenômeno migratório.

São antes de tudo os Estados da Guanabara e de São Paulo que parecem exercer maior atração nos migrantes provindos de outros estados. É evidente que os estados vizinhos: Minas Gerais e Rio de Janeiro (Estado), por causa de sua situação geográfica, fornecem os mais fortes contingentes. Todavia, os Estados mais distantes do nordeste vêm também uma forte percentagem de emigrantes afluir para os dois centros do país.

#### 2. *Causas do Fenômeno*

As causas deste vasto fenômeno migratório, sob todas suas formas (do campo para a cidade, do interior para a costa e do norte para o sul) são na maioria as mesmas para o Brasil como as que podem ser constatadas no resto do mundo e que têm por fator principal a industrialização das cidades. Levando-se em conta que no Brasil quase todas as cidades estão situadas na zona costeira e que o país sofre atualmente sua "revolução industrial", a migração em nossos dias é particularmente forte. Por outro lado, a política econômico-social do governo concentrando-se exclusivamente nas cidades e na indústria, faz com que os operários agrícolas não vejam melhorar sua situação. Enfim, as migrações do norte para o sul encontram-se particularmente favorecidas pelos períodos de seca que assolam cada vez mais os estados do nordeste, chegando mesmo a criar "regiões de fome". As conseqüências desta migração não são absolutamente benéficas. Já a migração em si, em razão das distâncias muitas

## QUADRO N.º 8

*Proporção de imigrantes de procedência de alguns estados brasileiros nos Estados da Guanabara e de S. Paulo de 1940 a 1950*

<i>Estado</i>	<i>Total de emigrantes</i>	<i>% dos imigrantes na cidade do R. Janeiro e Est. de São Paulo</i>
Rio de Janeiro .....	504.130	80
Alagôas (nordeste) .....	207.250	40,5
Minas Gerais .....	1.367.239	51,4
Sergipe (nordeste) .....	107.479	42,2
Paraíba (nordeste) .....	246.780	14
Piauí .....	144.946	6
R. G. do Norte (nordeste) ....	103.669	20
R. Grande do Sul .....	205.576	—
Ceará .....	268.486	—
Pernambuco (nordeste) .....	311.138	34,7
Bahia (nordeste) .....	430.217	54,6

vêzes imensas e meios de transportes deficientes, tem algo de dramático. De mais a mais, a grande maioria de migrantes sendo analfabeta, o abandono da vida simples do campo pela vida complexa das grandes cidades traz problemas especiais de ordem psicológica. Isso, entre muitos deles, faz nascer a mentalidade típica dos "desenraizados", sobre os quais as influências sociais extremistas ou religiosas exóticas (tais como o espiritismo) penetram facilmente. Enfim, é impossível as cidades acolherem convenientemente o afluxo enorme destes migrantes, e se vêem ultrapassadas nos seus trabalhos de urbanização (tais como construção de prédios, disposição das ruas, construção de esgotos, fornecimento de água e eletricidade) com tudo o que isto comporta como consequência do ponto de vista social, sanitário, religioso e moral.

## II — SITUAÇÃO ETNOGRÁFICA

### *A. Composição das raças*

O Brasil tem uma população tipicamente mestiça, composta de elementos de raça branca, negra, vermelha e amarela. O grupo amarelo da população compreende quase exclusivamente os japoneses que imigraram para o Brasil desde o começo deste século mas, especialmente, entre 1927 e 1934. Em 1940, 90% dos 242.320 japoneses no Brasil habitavam o Estado de São Paulo. Dado que eles não representam senão 5% da população total e, por outro lado, que são ainda pouco misturados ao resto da população, podemos aqui não tomá-los em consideração.

As raças branca, negra e vermelha, estão bastante misturadas uma às

outras e mesmo a um tal ponto que se pode dizer que o brasileiro é um homem de raça mestiça. Quase não se encontra branco de raça pura e nem mesmo puros negros ou puros índios. Excepção deve ser feita primeiro a respeito dos índios, enquanto ainda não integrados na civilização (dos quais ainda 200.000 no máximo vivem longe, no interior, sobretudo nas grandes florestas virgens da bacia amazônica) (2), depois, um grupo de imigrantes e seus descendentes que desde 1870 se fixaram principalmente nos estados mais meridionais (em particular Alemães, Italianos e Poloneses) e que freqüentemente, por causa da existência de um sistema de colônias agrícolas fechadas, continuaram a se casar entre si, como os Japoneses.

Os outros brasileiros, entretanto, que constituem a grande maioria, têm quase todos sangue mestiço ainda que isto não transpareça na cor da pele. A influência da raça vermelha é mais difícil de se reconhecer, mas não é menos real por isto. Linn Smith dá as porcentagens que se seguem sobre a composição do sangue da população brasileira:

raça branca . . . . .	45%
" negra . . . . .	30%
" vermelha . . . . .	24%
" amarela . . . . .	1%

Estabeleceram-se as distinções no Brasil segundo a cor da pele, entre outras, quando dos recenseamentos oficiais. Assim, em 1940, os dados eram os seguintes:

brancos . . . . .	63%
pretos . . . . .	15%
pardos . . . . .	21%

A impressão que estes números podem dar é enganosa, porque alguns registrados então como brancos deveriam, indubitavelmente, figurar entre os "pardos", porque a cor branca da pele, em si mesma, não dá a garantia de um sangue não misturado. Além disso, estas indicações de cor não são senão aproximativas e não servem senão para indicar a cor dominante porque, de fato, a passagem do branco para o preto não se faz senão gradualmente e é quase imperceptível. Considerando-se que a raça negra foi introduzida no Brasil, no momento do comércio de escravos, particularmente pelos grandes portos de então (Rio de Janeiro — Salvador na Bahia e Recife em Pernambuco), os Estados de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais (para onde os escravos do Rio foram enviados para exploração das minas) compreendem os maiores grupos de população não branca (negros e pardos).

O recenseamento de 1940 forneceu os dados abaixo:

Bahia . . . . .	2.789.838	não brancos ou seja 70% do total do Estado
Pernambuco . . . . .	1.219.696	não brancos ou seja 45% do total do Estado
Minas Gerais . . . . .	2.602.097	não brancos ou seja 39% do total do Estado

2) Nos Estados dos Andes, sobretudo no Perú, Bolívia, Equador e Colômbia, encontram-se ainda vastos grupos de índios autênticos.

Estes 3 Estados representam entre si 44.67% da população não branca do Brasil. Todavia, a percentagem de não brancos não é uma quantidade que se despreze também nos outros Estados, especialmente nos estados do Litoral leste:

Guanabara . . . . .	30% do Estado
Rio de Janeiro (Estado) . . . . .	40% do Estado
Espírito Santo . . . . .	38,5% do Estado

Os estados situados mais ao sul do Brasil, isto é São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, numa população de 12.915.621 almas, em 1940, não contavam senão 11,20% de não brancos.

### B. O Problema Racial

O Brasil, oficialmente, não conhece discriminação racial. Na realidade igualmente, em comparação sobretudo com a situação tal como se apresenta nos Estados Unidos e na África do Sul, e se nos colocamos do ponto de vista social, nenhum problema particularmente agudo se apresenta. Não se pode todavia pretender que o problema não exista. Não se encontram quase negros e raramente um homem de verdadeira raça mestiça nas classes superiores da sociedade, entre os intelectuais, nos postos superiores do Exército, entre os altos funcionários das grandes indústrias, homens de negócios e igualmente entre o clero, quer se trate do clero superior ou inferior (sòmente o Estado da Bahia faz exceção neste particular). À medida que se desce os degraus da escala social, encontram-se principalmente os pardos e em último lugar sòmente os negros.

Os negros e homens autênticamente de raça mestiça pertencem, na maior parte, à massa proletária, classe na qual estão completamente misturados aos brancos e vivem com eles sem choques ou conflitos importantes de ordem civil ou religiosa. Todavia, é raro que pessoas das quais a diferença de cor é muito acentuada contraíam matrimônio.

Se nenhum problema racial agudo existe no Brasil do ponto de vista político e social, existe, em compensação, um grave problema no plano religioso, causado pela influência que a raça de origem negra, introduzida pela importação de escravos — estimados entre 6 e 8.000.000 — exerceu na mentalidade popular em geral e nas práticas religiosas em particular. A atração que o brasileiro experimenta pelo exotismo religioso e pela superstição, terreno tão favorável ao espiritismo, encontra suas raízes, sobretudo, na parte negra da população que está fortemente misturada às classes inferiores da raça branca e que, desde os últimos decênios, influencia também muito a psicologia religiosa das classes superiores, embora estas possuam bem poucos elementos negros.

Tòdos os aspectos que apresenta o vasto problema da população brasileira colocam a Igreja diante de uma série de problemas a resolver: a imensidão do país e a densidade muito fraca da população tornam os contactos entre padres e fiéis extremamente difíceis; o crescimento muito rápido da população criou grandes dificuldades no que concerne o recrutamento do clero; os imigrantes, conhecendo pouco a língua do país, correm o risco de não entrar em

contacto a tempo com o clero e as obras de pastoreação, o que traz muitas vezes como consequência que a confissão se lhes torne estranha por toda a vida; a migração interna acelera de maneira anti-natural o ritmo do crescimento do proletariado das grandes cidades e faz nascer em muitos a mentalidade de "pessoas deslocadas" ("Displaced person"); a mistura das raças favoreceu de maneira alarmante a atração pela superstição e o espiritismo que se tornaram flagelos nacionais. Para que o catolicismo possa enfrentar de maneira eficiente todos os perigos que decorrem desta série de problemas, o Brasil deveria poder dispor de um clero particularmente numeroso. Na realidade, no entanto, este clero pode ser contado entre os países em que a falta de padres se faz mais sentir.

(continuará no próximo número)

## BIBLIOGRAFIA

A respeito das estatísticas relativas ao Brasil, utilizadas no presente estudo, devem ser feitas as seguintes observações:

a) As estatísticas civis do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) podem conter lacunas e erros, principalmente pelo fato de os dados que lhe foram fornecidos serem incompletos, embora o Instituto tenha secções no Brasil inteiro e uma grande equipe de funcionários à disposição. A elaboração dos dados, porém, é perfeita, correspondendo às exigências da estatística moderna.

b) Todas as estatísticas eclesásticas mostram lacunas e erros, mais ou menos importantes, não apenas pelo fato de os dados recolhidos serem incompletos ou errôneos, mas ainda por causa da elaboração imperfeita. Além disso há entre elas, muitas vezes, notáveis divergências. Comparando-as cuidadosamente, conseguimos preencher lacunas e retificar alguns erros.

Os dados estatísticos, por conseguinte, precipuamente os eclesásticos, têm apenas um valor relativo mas suficiente, a nosso ver, para servir de base a um esboço sociográfico da Igreja no Brasil.

Os principais estudos consultados são os seguintes:

### 1) Estatísticas:

a) *civis*: O anuário estatístico do Brasil, de vários anos, sobretudo o de 1954, publicado pelo Conselho Nacional de Estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro.

b) *eclesásticas*: Anuario Pontificio, Città del Vaticano, 1953. O Brasil Católico, 2 vols. (1.º v. sobre o clero diocesano, 2.º v. sobre as Ordens e Congregações Religiosas) editado por Pe. J. B. Lehmann SVD, Juiz de Fora, 1953/54.

Estatística do Culto Católico Romano da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro (1946/1950), publicado pelo Serviço de Estatística demográfica, moral e política do Ministério da Justiça e Negócios interiores — Rio de Janeiro, 1953.

Anuário dos Religiosos do Brasil, editado pela Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil — Rio de Janeiro, 1955.

Seminários do Brasil — relatório da segunda reunião dos Diretores de Seminários, 1954 — Petrópolis, 1955.

Anuário Eclesiástico da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, publicado pela Cúria Metropolitana — Rio de Janeiro, 1955.

Guia Católico para a Arquidiocese de São Paulo — São Paulo, 1954.

2) *Estudos:*

Cardeal Mota, Arcebispo de São Paulo, *Panorama religioso do Brasil*, em: Boletim Eclesiástico, Órgão Oficial da Arquidiocese de São Paulo, 33 (1955), pág. 235-255.

Anônimo, *Le Catholicisme au Brésil*, em: Informations catholiques internationales, agosto de 1955, pág. 13-24.

Dr. G. Schmieder SJ, *Brasiliens Katholicismus*, em: Orientierung, Katholische Blätter für weltanschauliche Information, 19(1955), pág. 143-146.

Dr. E. Prangenberg, OFM, *Sozialrecht in den vereinigten Staaten Brasiliens*. Historisch-soziologische Untersuchung, Paderborn, 1953.

Mons. Agnelo Rossi. *O Protestantismo no Brasil*, em: Brotéria, 61(1955) pág. 287-290.

Irineu Leopoldino de Sousa SDB, *Densidade e distribuição dos Religiosos pelas várias Unidades da Federação*, em: Revista da CRB, 1(1955), p. 30-42.

# EXAME PSICOLÓGICO DOS CANDIDATOS À VIDA RELIGIOSA

*Frei Vulfredo Tepe O.P.M.*

Prescrevem os *Estatutos Gerais*, anexos à Constituição Apostólica *Sedes Sapientiae*: “Os candidatos aos Estados de Perfeição não sejam aceitos às pressas ou em bloco, mas, depois de acurado exame e diligentes investigações, somente sejam acolhidos aquêles que não tenham impedimento algum legítimo, sejam movidos por reta intenção e capazes de suportar as obrigações do Instituto” (art. 31 § 1). “Ponderem-se atentamente os sinais e os motivos particulares de genuína vocação nos candidatos ao noviciado, segundo a idade e as condições dêles; examinem-se acuradamente e sob todos os aspectos as qualidades tanto morais quanto intellectuais dos candidatos. Indague-se ainda sôbre a sua aptidão física e psíquica, recorrendo-se também ao diligente juízo anamnésico e diagnóstico de um médico experimentado, hem como em relação a taras hereditárias, sobretudo mentais; o parecer do médico seja anotado na ficha pessoal de cada um” (art. 33).

A *Sedes Sapientiae* requer investigação a respeito da saúde psíquica e mental dos candidatos e que o resultado seja anotado na ficha pessoal. O problema é duplo: I. Como se pode fazer êste exame psicológico? II. Como se pode comunicar o resultado, para ser lançado na ficha pessoal?

## I. O PROBLEMA DO EXAME

A Constituição fala apenas em “um médico experimentado”, no singular. É obvio que uma Congregação que conta com a assistência de um psiquiatra competente, prefira recorrer a êle, especialmente se, como amigo da Congregação, facilita ou dispensa remuneração. A especialização em todos os ramos da Ciência torna, no entanto, tal recurso sempre mais difícil e precário. Muitos médicos psiquiatras não têm tempo, nem muitas vêzes preparo especial para fazer investigações psicológicas. Para remediar tal situação, cogitou a Conferência dos Religiosos em colocar à disposição das Congregações, ao menos nos grandes centros, os serviços de uma equipe, formada por sacerdotes, psicólogos clínicos e psiquiatras. Temos notícia que esta solução já foi adotada

num país da Europa. Algo semelhante funciona no Rio de Janeiro: no "Centro de Orientação Juvenil" assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras trabalham em forma de equipe na solução de seus casos.

A equipe, à qual poderiam recorrer as Congregações, seria, pois, formada por um religioso, com suficientes conhecimentos psicológicos; um psicólogo clínico e um psiquiatra. O religioso estabelecerá o primeiro contacto, no sentido de uma entrevista livre. Daí o candidato seria encaminhado ao psicólogo que faria um exame completo, através de testes e entrevista anamnésica. A terceira entrevista (se necessária) seria com o psiquiatra. Os três, em seguida, juntariam suas observações para chegar a uma conclusão.

A conclusão a que devem chegar não diz respeito ao fato de o candidato ter ou não vocação religiosa. Isto é tarefa dos superiores religiosos que jamais podem descarregar sua missão e responsabilidade sobre os ombros dos psicólogos. A informação da equipe constitui apenas uma parcela no critério geral acerca da aptidão humana do candidato. Ela contribui com o critério da aptidão psíquica: se o psíquico é favorável ou não à vocação. Ainda mais. Só indicaria como não aprovados casos patológicos graves. Os menos graves não seriam apresentados como contra-indicados. Espera-se que, no correr dos anos de provação, tais defeitos psíquicos se corrijam ou levem a um desligamento. Seria, todavia, desejável que em tais casos houvesse acompanhamento especial da vocação, respectivamente recurso à psicoterapia. Para haver tal tratamento, seria naturalmente necessário fazer aos superiores uma comunicação mais detalhada do resultado dos exames. Alguma comunicação sempre se impõe, já que deve ser lançada na ficha pessoal. Como proceder?

## II. O PROBLEMA DA COMUNICAÇÃO

A comunicação dos resultados do exame psicológico é assunto muito delicado. Por três motivos:

### 1) *O direito do indivíduo ao segredo do seu mundo interior*

Em outro lugar (REB, junho 1960, p. 383), falei a respeito do uso de testes de personalidade na seleção de candidatos para qualquer carreira ou cargo. A *Sedes Sapientiae*, de um lado, recomenda ou exige o exame da aptidão psíquica, do outro, não indica como deve ser feito este exame. Não deixa de constituir certa orientação a conhecida alocução de Pio XII aos psicólogos, em 1958, na qual chama a atenção para "a utilização largamente difundida, de certos testes, por meio dos quais se vai até ao ponto de revolver, sem escrúpulos, as profundezas íntimas da alma... Em si, o conteúdo do psiquismo pertence exclusivamente à pessoa e só dela fica sendo conhecido... Há uma larga parte de seu mundo interior, que a pessoa só descobre a poucos confidentes, e a defende contra a intrusão de outrem... Da mesma forma como é ilícito apropriar-se dos bens de outrem ou atentar contra sua integridade corporal, sem o seu consentimento, também não é permitido entrar, contra a vontade d'ele, no seu domínio interior, sejam quais fôrem as técnicas e os

métodos empregados ” (1).

McCarthy (2) interpreta estas palavras de Pio XII no sentido de o Sumo Pontífice se referir unicamente a fatos da consciência, que ninguém poderia ser obrigado a manifestar e que, se por acaso aparecessem sem qualquer teste ou questionário psicológico, não deveriam ser utilizados. “Na medida em que, no emprêgo de testes projetivos, não se procuram informações assim caracterizadas, e na medida em que tais informações não são o resultado necessário ou mesmo habitual do teste, pareceriam moralmente admissíveis tais técnicas no exame dos religiosos. Valeria aí o princípio do duplo efeito”.

Parece-me que McCarthy restringe indevidamente o sentido das palavras de Pio XII. As expressões “conteúdo do psiquismo”, “mundo interior”, “domínio interior” não se referem apenas a fatos da consciência, mas às disposições e tendências íntimas do indivíduo que não se manifestam num exame superficial, mas são reveladas através dos testes.

O candidato tem direito de não manifestar o “seu domínio interior”, a não ser a pessoas de sua própria confiança. Seria ingênuo supor que o psicólogo ou a equipe do exame psicológico lhe inspire tal confiança, quando sabe que o resultado é comunicado aos superiores, à sua revelia.

## 2) O dever do segredo profissional

Como o médico, também o psicólogo é obrigado a guardar o segredo profissional. Sua tarefa é ajudar ao indivíduo que o procura, mas não utilizar os resultados de seus exames a favor de terceiros, talvez contra o próprio examinado.

Podia-se alegar que a comunicação do resultado aos superiores é do interesse do próprio candidato, uma vez que tanto a Congregação como o candidato estão interessados em conhecer e decidir a verdadeira vocação do indivíduo. Numa situação ideal de confiança plena entre superiores e candidato, certamente, não há dificuldade de o próprio candidato dispensar o examinador do segredo profissional. Não podemos, porém, supor a universalidade desta situação. O psicólogo tem responsabilidade imediata para com o indivíduo examinado e não para com a Congregação que está interessada no exame. Ele não pode forçar a autorização que o liberte do segredo profissional.

Corre perigo a própria atuação do psicólogo, quando se espalha a desconfiança acêrca da observância do segredo profissional. Tal desconfiança pode se estender facilmente numa Congregação ou em tôdas, sobretudo quando certos superiores parecem condicionar a última decisão a respeito de uma demissão ao exame psicológico, feito talvez na última hora, antes da Profissão ou das Ordenações. Tal recurso ao psicólogo constrange e prejudica muito a atuação dele.

- 1) *Mensagem de Pio XII aos médicos*. Edições Paulinas. Pôrto Alegre 1959. p. 109 passim.
- 2) Th. N. McCarthy. *L'investigation psychologique de la personnalité dans l'examen des vocations religieuses*. Supplément de la vie spirituelle. N.º 54. 3. trimestre 1960, p. 346.

### 3) *A fidelidade do exame*

Qualquer situação de exame provoca na maioria das pessoas certa tensão e nervosidade. Quanto mais depende do exame, mais tende a acentuar-se tal estado. Se por cima a pessoa julgar tal exame como uma imposição que viola seus direitos íntimos, adotará atitude de defesa. Nervosidade e defesa, porém, empobrecem ou falsificam o resultado de um exame psicológico.

Para se conseguir um exame o mais fiel possível, é necessário que haja ambiente de plena confiança entre o candidato e o examinador psicólogo.

#### *Três modalidades de comunicação.*

Que solução se poderia dar ao problema delicado da comunicação dos resultados do exame psicológico? A já citada equipe de um país europeu chegou à seguinte fórmula: "Dar a informação ao próprio sujeito. Assim o segredo é perfeitamente guardado. É ao sujeito que cabe ou transmitir ao Padre Mestre as informações que ele acha possível comunicar, ou de libertar os médicos e o psicólogo do segredo profissional".

Vejamos estas duas soluções, às quais queria acrescentar uma terceira.

A) A equipe comunica o resultado ao próprio indivíduo.

Há dois inconvenientes: o indivíduo pode não estar preparado para ouvir o resultado, talvez bastante negativo; pode ficar chocado e traumatizado. Em segundo lugar, a sua comunicação aos Superiores que afinal deveria ser lançada na ficha — poderia resultar tendenciosa e parcial.

B) O candidato liberta a equipe do segredo profissional para ela se comunicar diretamente com os Superiores.

Seria o ideal. Mas nem sempre o candidato tem a plena confiança nos Superiores. Por outra, nem sempre os Superiores têm bastante prudência e discricção em receber e utilizar a comunicação. O próprio psicólogo sofreria mais tarde as consequências, enfrentando maior resistência e desconfiança da parte de novos candidatos que não querem passar pela experiência talvez desagradável de outros que os procederam, abrindo-se totalmente aos psicólogos e Superiores.

C) A equipe comunica o resultado a um padre da confiança do candidato.

Seria sumamente desejável que o próprio Padre Mestre fôsse este padre de confiança do candidato. Os *Estatutos Gerais* pedem, para a relação entre clérigos e Superiores ou Mestres, este ambiente de confiança. "Para que os noviços e clérigos estudantes mais fácil e seguramente possam ser instruídos por experimentados Superiores e Mestres ou Prefeitos na árdua vida da perfeição, que abraçaram em razão de seu estado e que sempre devem seguir, a Igreja deseja ardentemente que eles abram sua alma com toda confiança tanto aos Superiores propriamente ditos, segundo o Direito e as Constituições, como principalmente a seus Mestres e Prefeitos espirituais; e isso não somente para a aquisição e aplicação a si próprios da comum formação religiosa, clerical e apostólica, mas também para receberem uma direção pessoal, religiosa e espiritual. Convém além disso, conforme a mente do Direito, que os procurem

com filial confiança, expondo-lhes livre e espontaneamente também as dúvidas e ansiedade de sua consciência" (Art. 28 § 3. 1.º).

Os Mestres seriam, pois, na mente da Constituição *Sedes Sapientiae*, os conselheiros indicados para a orientação não só geral mas pessoal do candidato. Seria sumamente conveniente que eles recebessem também o resultado dos exames psicológicos, para melhor conhecer e ajudar o indivíduo. Naturalmente, salta aos olhos a necessidade de possuírem os Mestres suficiente preparo psicológico para utilização adequada da comunicação.

Como em muitos outros terrenos, também aqui o ideal nem sempre é verificado. Os Superiores e, em muitas Congregações, os próprios Mestres apresentam uma autoridade que nem sempre se coordena facilmente com a confiança necessária que permita falar das coisas íntimas que se referem ao "fôro interno". Quer-me parecer que o "domínio interior", o "conteúdo do psiquismo", de que fala Pio XII fazem parte do "fôro interno" de cada um. Os próprios *Estatutos Gerais*, prevendo certas dificuldades neste terreno, continuam a explicar a situação ideal de formação, com bastante realismo: "Firme permanecendo a prescrição do § 2, 9.º, se algum aluno pedir e parecer precisar de um confessor ou diretor espiritual especial, os Superiores o concedam com facilidade" (ibidem, 2.º).

O § 2, 9.º reza: "Se, pelo direito particular, a obra da formação confiada ao Prefeito ou Mestre espiritual, além dos avisos, instruções e exortações, abranger também o regime externo imediato do Escolasticado juntamente com a educação, formação e direção espiritual de cada um, será necessário que, no fôro meramente interno, tanto sacramental como da consciência íntima, seja auxiliada e integrada não apenas por confessores idôneos, escolhidos com cuidado, mas também, a critério dos Superiores, por outro diretor espiritual em sentido mais estrito".

Este diretor no sentido mais estrito parece ser a pessoa mais indicada para receber a comunicação da equipe psicológica. Ele falaria em seguida com o candidato, explicando-lhe, em forma não chocante, o resultado. Combinaria também com ele o que se pode e deve comunicar aos Superiores para efeito de registro na ficha pessoal.

### *Corolário técnico*

Como poderia praticamente funcionar a equipe do exame psicológico? Apresento aqui algumas sugestões:

A equipe funciona como Departamento da Conferência dos Religiosos. O religioso trabalha sem remuneração; os honorários do psicólogo e do médico são cobrados e pagos através da Conferência dos Religiosos. O eventual abatimento, concedido pelos técnicos, é utilizado para a compra do material necessitado pela equipe.

A primeira entrevista com o religioso, membro da equipe, tem também a finalidade prática de saber se a Congregação, respectivamente o candidato, estão interessados e em condições de fazer o pagamento do exame técnico.

Na ocasião desta entrevista, faz o candidato o pagamento adiantado. Recebe então um cartão de identidade, em forma cifrada, com o qual se apresenta ao psicólogo clínico. A chave do código fica na mão do religioso; será guardada, mais tarde, juntamente com o material colhido (testes e questionários), embora separadamente, num arquivo especial do Departamento psicológico da Conferência dos Religiosos.

Tratando-se do exame de noviços e clérigos ou ainda de religiosos professos, a cor do talão ou cartão de identificação será diferente, com modificações da cifra, para facilitar futuras investigações.

Terminada a investigação psicológica, dá-se habitualmente ao próprio candidato um atestado em forma negativa: "Não há contra-indicação psicológica para fulano seguir a carreira religiosa".

Para comunicações mais detalhadas pode-se ao indivíduo que indique o padre de confiança dê-lo que então se entende com um dos membros da equipe.

Procede-se da mesma forma, quando não se pode fornecer nenhum atestado positivo, por se tratar de casos graves, claramente contra-indicados para a vida religiosa. Na hipótese de o candidato não poder ou querer indicar nenhum padre da Congregação a quem fazer a comunicação, simplesmente não se fornece nenhum atestado. Isto seria, de certa forma, uma violação indireta do segredo profissional, justificada, porém, pelo grave perigo iminente para o bem tanto do indivíduo como da coletividade.

No intuito de ofertar às criancinhas que fazem sua primeira comunhão, um presente que lhes recordará esta data tão feliz, os "Pequenos Cantores da Guanabara" acabam de gravar um 45 RP N. (Extended-Play) com músicas religiosas alusivas.

Pedimos-lhe, prezado leitor, que faça propaganda deste nosso disco, junto aos pais e parentes das crianças que irão fazer sua 1ª. Comunhão. Qualquer informação ou pedido de discos, dirijam-se aos:

**"PEQUENOS CANTORES DA GUANABARA"**

**COLÉGIO SALESIANO**

**RUA LUIZ ZANCHETTA, 134 — RIACHUELO**

**Estado da Guanabara**

**Rio de Janeiro**

# CASOS PRATICOS SÔBRE O DIREITO DAS RELIGIOSAS

Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFM Cap.

## CASO XIV — MANIFESTAÇÃO DO VOTO E ELEIÇÃO

*Em determinada Congregação Religiosa se realizava com muita seriedade a eleição da Madre Provincial.*

*Justamente na hora da votação, a Irmã Alípia, distraidamente, sem pensar, mostra às suas companheiras a própria cédula, contendo o nome escrito da sua candidata: Madre Belém.*

*Terminada a votação, verificou-se que a Madre Belém obtivera um voto apenas acima do necessário para ser eleita.*

*Abre-se, então, como é de direito, a cédula da Madre Belém: tudo legal; não derá o voto a si mesma.*

*Uma das Irmãs, conhecedora do Código de Direito Canônico e que observara a atitude da Irmã Alípia, mostrando o seu voto às colegas, impugna a eleição e pede vênia para recordar a séria prescrição do Código de Direito Canônico, precisamente no cânon 169, que reza assim: "O voto é nulo, exceto se fôr... secreto..."*

*Pergunta-se*

- I. O sufrágio da Irmã Alípia foi mesmo nulo?*
- II. Em caso afirmativo, a nulidade do voto causou a invalidade da eleição da Madre Belém?*
- III. Se a eleição foi válida e o voto nulo, que fazer na prática em nosso caso, quando a Madre Belém obtivera apenas um voto acima do necessário para ser eleita?*

\* \* \*

O segredo do voto nas eleições por escrutínio, sancionado pela jurisdição precedente e admitido pelo Código de Direito Canônico, no cânon 169, § 1, n.º 2, obriga não somente durante o tempo em que se realiza a eleição, como também depois das eleições. E' por isso que se prescreve a combustão imediata das cédulas.

A maioria dos autores, porém, estabelece o seguinte: que é nulo qual-

quer voto que se publique *in actu electionis*, isto é, enquanto se está realizando a eleição e não importa se tal manifestação tenha sido feita inopinadamente ou de propósito; *antes* ou *depois*, a manifestação não invalida o voto. O cânon 169 declara simplesmente que é nulo o voto que não fôr secreto.

Se, portanto, antes de dar o seu voto por escrutínio secreto, alguma Religiosa declara públicamente que vai votar em Irmã Fulana ou Irmã Sicrana e depois, na hora da votação, *secretamente* prepara a sua cédula: o seu voto foi secreto.

A manifestação feita posteriormente às eleições também não invalida o voto. Há um princípio inconcusso: *o que antes foi feito legitimamente, não pode se tornar ineficaz*. É o que observa sapientemente Suarez, dizendo que a validade de uma eleição não pode depender de uma acidental e futura eventualidade.

Alguns Doutores querem sustentar que qualquer manifestação do voto acarreta a nulidade da eleição. É uma sentença demasiadamente severa.

I. *O sufrágio da Irmã Alípia foi mesmo nulo?*

Pelo acima exposto e pela prescrição do cânon, estabelecendo que "o voto é nulo, exceto se fôr... secreto...", o voto da Irmã Alípia foi inválido.

II. *Em caso afirmativo, a nulidade do voto causou a invalidade da eleição da Madre Belém?*

Podemos afirmar que na nova disciplina do Código de Direito Canônico, a publicação do voto na circunstância acima referida, isto é, na hora da eleição, anulou certamente o voto, mas a eleição, legitimamente realizada, permaneceu em sua validade. Afirmação esta, muito bem fundamentada no cânon 11, decretando que "apenas se consideram irritantes ou inabilitantes as leis por que se estabelece expressa ou equivalentemente que um ato é nulo...".

E nós não encontramos em lugar algum uma lei estabelecendo inválida a eleição canônica pela manifestação do voto de algum eleitor.

III. *Se a eleição foi válida e o voto nulo, que fazer na prática em nosso caso, quando a Madre Belém obtivera apenas um voto acima do necessário para ser eleita?*

Mandar que a Irmã Alípia, em segredo, prepare a sua cédula com o seu voto — e se proceda, em seguida, conforme as prescrições do direito.

## CASO XV — JEJUM E ABSTINENCIA DA VIGÍLIA DE NATAL

*Irmã Basília explicava às suas alunas o DECRETO da Sagrada Congregação do Concílio, no qual se concedia a faculdade de antecipar a obrigação da abstinência e do jejum da Vigília do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo para o dia 23 de dezembro.*

*O teor do DECRETO é o seguinte:*

"Atendendo aos desejos de muitos Bispos de várias Nações, o Santo Padre, o Papa João XXIII, com o presente Decreto da Sagra"

da Congregação do Concílio, — a todos os fiéis do orbe católico — se dignou conceder a graça de se poder antecipar a obrigação da abstinência e do jejum do dia 24 de dezembro, Vigília do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, para o dia 23 do mesmo mês de dezembro” (Roma, 3 de dezembro de 1959).

*A Irmã Basília, examinando atentamente êste Decreto, tirou as seguintes conclusões:*

1. O Decreto concede a faculdade de se poder antecipar a Vigília: portanto, não impõe esta antecipação. O cânon 1252, § 2 (“A abstinência e jejum têm de cumprir-se na quarta-feira de cinzas, nas sextas-feiras e sábados da Quaresma, férias das Quatro Têmporas, Vigílias do Pentecostes, da Assunção, de Todos os Santos e Natal”) sofreu uma mudança, isto é, a obrigação se torna alternativa.

Êsta alternativa deixa livre os fiéis a cumprirem com o preceito da abstinência e do jejum ou no dia 24 ou no dia 23. A escôlha de um dêstes dois dias depende exclusivamente da vontade dos fiéis: assim que: podem anualmente mudar a sua preferênciã.

2. Quem tiver escolhido o dia 23 de dezembro para cumprir com o preceito da abstinência e do jejum e, independentemente da sua vontade, neste dia houver um impedimento, por exemplo: se o dia 23 cair num domingo, não está obrigado a cumprir o preceito neste dia nem no dia 24, porque em dias de domingo e festas de preceito cessa a lei da abstinência e do jejum (cânon 1252, § 1).

3. Terminando a sua explicação, fazia esta pergunta às suas alunas: Por que a lei da abstinência e do jejum não foi simplesmente transferidas para o dia 23?

#### *Pergunta-se*

- I. Que dizer da interpretação da Irmã Basília sobre o Decreto, na primeira conclusão?
- II. Foi feliz a Irmã Basília na segunda conclusão?
- III. Que resposta corresponderá melhor à pergunta da irmã Basília?

\* \* \*

1. Irmã Basília, na sua primeira conclusão, interpretou retamente o referido Decreto. Por conseguinte:

a) O Decreto concede a faculdade de se antecipar a lei do jejum e da abstinência, mas não obriga a esta antecipação;

b) O cânon 1252, § 2 sofreu, de fato, uma mudança: nêle impõe-se uma obrigação em dia fixo, determinado, imutável; no Decreto, a obrigação passou a ser alternativa: ou no dia 24 ou no dia 23;

c) A escôlha de um dêstes dias depende exclusivamente da vontade dos fiéis e podem mudar todos os anos a sua preferênciã.

2. Foi também feliz a Irmã Basília na segunda conclusão. A razão é porque trata-se de uma lei alternativa. Advindo, portanto, um legítimo impedimento independentemente da vontade do fiel que escolheu tal dia, não está obrigado à lei.

Note-se, porém, que esta é a letra do Decreto. O espírito da lei é que, em preparação ao grande dia de Natal, os fiéis se mortifiquem. Resolvendo este segundo ponto, a irmã Basília poderia e deveria ter admoestado as suas alunas sobre o espírito da lei.

3. A resposta que melhor corresponde à pergunta da Irmã Basília é a seguinte: A razão porque a lei da abstinência e do jejum não foi *simplesmente* transferida para o dia 23 é que, se fôsse resolvido desta maneira, desapareceria *por completo* aquela prática de salutar penitência na vigília do Santo Natal: o que não estaria tão conforme às leis litúrgicas.

A *mente* do Decreto é esta: observe-se a lei do jejum e da abstinência no dia 24. Se, porém, houver uma causa justa, seja antecipada para o dia 23.

## XVIII SEMANA DE ESTUDOS DE CANTO GREGORIANO

De 16 a 26 de Julho de 1961

(abertura: dia 16, às 14 horas)

Dirigida pelo

**INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**

Local: Colégio Santo Amaro  
Rua 19 de Fevereiro, 172 — Botafogo  
Rio de Janeiro — GB

Informações: Instituto Pio X do Rio de Janeiro  
Rua Real Grandeza, 108 - Tel: 26-1822  
Rio de Janeiro — Botafogo

## CONCLUSÕES DO SEMINÁRIO DE ESTUDOS SÔBRE A EDUCAÇÃO CATÓLICA E O DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

*Promovido pelo Secretariado de Educação e Cultura, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 23 a 26 de Janeiro de 1961*

### *Quanto ao plano sócio-econômico*

A promoção do desenvolvimento tem uma profunda razão de ser. Sem desconhecer os equívocos a que dá margem, repelindo um desenvolvimentismo puramente econômico enfeudado por uma ideologia materialista, consideramos possível e desejável embeber de espírito cristão o movimento que busca implantar o desenvolvimento no Brasil. Levar a criar condições humanas de vida para dois terços sub-desenvolvidos do país, do continente e do mundo, é a expressão concreta do mandamento do amor e ajusta-se à missão de prolongar a obra criadora de Deus, numa visão dinâmica do cosmos confiado à atividade humana.

Para que o desenvolvimento se ponha a serviço do homem, deve êste ser atendido:

- a) como ser animal — pela solução dos problemas de alimentação, saúde e habitação;
- b) como ser racional — pela educação de base e pela formação científica, artística e profissional segundo processos plenamente humanos;
- c) como ser livre — pela supressão de qualquer escravidão do homem pelo homem, pelo partido ou pelo Estado;
- d) como filho de Deus — pela criação de condições propícias para a manifestação espontânea de suas relações com Deus, pessoais e comunitárias.

O desenvolvimento deve, ainda, importar em fator de justiça social, eliminando a triste desproporção do nível de vida nas várias regiões do país. Os brasileiros em geral, e os educadores em particular, enfrentamos um desafio que se estenderá pelo mundo inteiro: levar o Brasil a superar o subdesenvolvimento sem abdicar dos processos democráticos.

Dentro dêste espírito, julgamos oportuno fazer as seguintes recomendações:

— Procure-se levar os nossos educadores à tomada de consciência do desajustamento que se estabeleceu entre a função da escola de nível médio e a demanda profissional no meio em que ela atua. Isso se evidencia pelo enorme crescimento da rede de escolas secundárias e comerciais, desacompanhado do crescimento correspondente no âmbito do ensino industrial e agrícola. Por outro lado, a própria estrutura atual do ensino industrial não se mostrou apta a atrair maior número de candidatos para seus cursos de 1.º ciclo.

— A solução dêsse impasse poderia ser tentada pela organização de novos tipos de ginásio com currículo enriquecido de matérias de exploração vocacional (artes domésticas, agrícolas, industriais ou comerciais), de forma a ampliar as possibilidades de orientação dos jovens sem que se destruía a formação geral

e humanística de base. A experiência poderia ser feita valendo-se do sistema de classes experimentais, em tão boa hora introduzido pelo Ministério da Educação.

— Procure-se criar ao lado dos ginásios (secundários), como já se faz em certos estabelecimentos mantidos por religiosos, cursos profissionais, práticos e flexíveis, de duração variada (cursos de aprendizagem), para atender aos que não pretendem continuar seus estudos e têm necessidade imediata de uma atividade profissional.

— A fim de que a influência do espírito cristão não fique ausente da formação profissional do pessoal especializado de nível técnico, cuja procura é cada vez mais crescente, animem-se os educadores católicos à criação de cursos correspondentes, de 2.º ciclo ou mais avançados, destinados aos que não se dirigem aos estudos superiores. A dificuldade que apresenta o alto custo das instalações técnicas poderá ser vencida por meio de convênios e acôrdos com as indústrias e as autoridades públicas, as quais têm grande interêsse na urgente preparação do pessoal especializado. Cuide-se porém, da mais alta qualidade científica e técnica de tais cursos.

— O abandono em que se encontra tôda a enorme população rural do País, principalmente quanto às necessidades mínimas de alimentação, habitação e educação, constitui uma das graves distorsões do nosso atual desenvolvimento. Dedique-se, pois, especial atenção ao estudo das soluções para essa tríplice necessidade, a fim de que a insatisfação crescente do meio rural não se torne caldo de cultura para a exploração ideológica e política por parte de aventureiros travestidos de patriotas.

— Nêsse sentido, dê-se todo o apoio possível ao movimento de educação de base, promovido pelas transmissões radiofônicas das emissoras católicas de várias Dioceses do Brasil, abrangendo não só o meio rural como muitas povoações longínquas do interior. Apraz-nos assinalar que o valor dêsse movimento consiste, mais do que na alfabetização dessas populações, na promoção do bem comum de cada pequena comunidade, fazendo com que seus membros assumam conscientemente certas tarefas propícias ao seu desenvolvimento.

— Esse mesmo objetivo deve ser assumido pela própria escola rural, atualmente empobrecida pela redução de sua finalidade à simples alfabetização das crianças. Quanto ela se transformar num centro de promoção social e cultural do meio, atingindo não só a criança mas a própria família, será um dos instrumentos mais eficazes do desenvolvimento da comunidade e da integração do homem no meio rural.

— Uma programação dêsse tipo exige, porém, formação especializada do pessoal que vai atuar no campo. Cuide-se, especialmente, de incutir-lhes uma mentalidade de respeito à dignidade e às características do camponês, jamais permitindo a ridicularização de sua maneira simples de falar e de agir. Procure-se empregar textos e exemplos que dignificam o valor e ressaltam as alegrias da vida do campo.

— Recorra-se aos ótimos serviços da Universidade Rural, situada no Estado do Rio de Janeiro, a qual mantém um curso de formação doméstica e social de moças do campo, com o fim de torná-las agentes de melhoria do

meio rural em que vivem.

— Promova-se o cumprimento do preceito constitucional que determina a instituição de ensino primário gratuito por parte dos proprietários de fazendas que empregam mais de 100 trabalhadores.

— Como primeiro passo, os elementos católicos poderiam promover encontros regionais das espôsas dos fazendeiros, a exemplo do que se faz em São Paulo, a fim de estudar com elas, num ambiente de cordialidade e colaboração, as possibilidades de melhoria das condições de vida nas suas propriedades agrícolas. Para essa iniciativa seria útil a colaboração das escolas católicas de serviço social.

### *Quanto ao plano pedagógico*

A escola católica, destinado-se à formação integral da criança e do jovem, tanto no plano natural como no sobrenatural, deve estruturar-se e organizar-se de modo a assegurar uma atuação coerente de todos os agentes e processos pedagógicos em ordem a este objetivo. Nada pode ser indiferente na escola. Desde as instalações até à observância disciplinar, tudo deve conduzir o educando à harmoniosa expansão da sua personalidade e à vivência da presença de Deus. Tanto a instrução e a prática religiosas, como qualquer outra aprendizagem, devem apelar para a participação livre e responsável dos educandos e exercitá-los como membros atuantes de uma comunidade democrática fundada na fraternidade cristã.

A educação cristã da juventude, sendo o resultado de uma ação tipicamente comunitária, exige a coordenação das três principais instituições responsáveis: a família, a escola e a paróquia. Esforcem-se os educadores católicos por promover, enquanto d'elles depender, a integração dessa triplice atuação em benefício do educando. Não se descure, outrossim, da formação da consciência cívica do jovem, estimulando-o à participação ativa dos encargos úteis ao bem de sua Pátria.

À luz destes princípios e da análise da realidade brasileira, em ordem a uma renovação pedagógica das nossas escolas, pareceu-nos oportuno fazer as seguintes recomendações:

#### *1 — Em relação à educação pré-primária e primária*

Procure-se uma renovação pedagógica que mantenha uma linha educacional personalista e cultural, que respeite as características de cada personalidade pelo realce dado à exercitação da iniciativa do educando e ao desenvolvimento da capacidade de pensar autônomo. Inteiramente diversa, portanto, de uma linha educacional pragmatista, mais preocupada com o treinamento de habilidades para o êxito imediato e com o simples ajustamento do indivíduo ao meio social.

Aproveite-se das melhores experiências já em andamento para uma divulgação dos princípios dessa renovação, por meio de missões pedagógicas pelo interior do país, de publicações especializadas e de recursos audio-visuais.

A disseminação de novas experiências, porém, só deverá ser feita quando

nucleada em torno de um líder, teórica e tecnicamente preparado. Para esse fim, estude-se a possibilidade da criação de um Centro Pedagógico com a finalidade de organizar o estágio de professores junto às escolas que mantêm experiência de renovação pedagógica, de incentivar a pesquisa científica no setor da educação primária e de divulgar os resultados obtidos.

Numa primeira etapa, cuide-se insistentemente do aprimoramento da formação dos professores primários, quer por meio de cursos de aperfeiçoamento junto às escolas normais, quer por meio de cursos especializados junto às Faculdades de Filosofia.

Esse aprimoramento exige, por outro lado, uma melhor seleção vocacional dos candidatos ao magistério primário, a qual se faria melhor por um acompanhamento individual dos alunos durante o curso normal, segundo os princípios e técnicas da Orientação Educacional. Poderia ser acentuado esse sentido vocacional pela criação de cursos paralelos ao normal (educação doméstica, trabalhos manuais, formação familiar etc.) para os candidatos, especialmente do sexo feminino, que não apresentem inclinação para o ensino primário.

## II — *Em relação à escola de nível médio*

A organização das classes experimentais no ensino secundário, autorizada recentemente pelo Ministério da Educação, veio dar às escolas católicas que as instituíram uma posição de vanguarda que muito as dignifica no movimento de renovação pedagógica da atualidade. No consenso unânime dos observadores desapassionados, destacam-se tais iniciativas tanto pelo arrôjo das inovações, quanto pela prudência das realizações. Cuide-se, pois, da divulgação dos resultados obtidos, quer por meio de palestras promovidas por elementos integrados em tais experiências, quer por meio de trabalhos publicados.

Seria sumamente louvável que muitas outras escolas católicas se servissem dessa autorização governamental para a instituição de experiências semelhantes. Reconquistaríamos para a educação católica aquela liderança pedagógica que ela já exerceu em outras épocas.

Impondo-se, porém, a máxima seriedade em tais realizações, cuide-se em primeiro lugar da adequada formação do pessoal especializado. O mesmo Centro Pedagógico, cuja criação já sugerimos, poderia cuidar da organização do estágio de professores junto às experiências de nível médio.

Importa, principalmente, a manutenção de uma perfeita unidade de princípios pedagógicos, sob a luz da doutrina cristã, por parte de todos os que participam da experiência.

## III — *Em relação ao ensino universitário*

Até hoje, a Universidade brasileira, pela circunstância histórica da sua formação, têm sido um agregado de escolas dedicadas à formação de profissionais, objetivando os seus cursos quase que exclusivamente essa formação e esquecendo-se de que cada profissional deve ser um homem integrado na realidade de seu tempo. Para a realização de uma civilização autenticamente cristã, deve a Universidade ou a Faculdade satisfazer aos seguintes requisitos:

1. manter condições de autenticidade universitária;

2. constituir uma comunidade cristã de mestres e alunos;
3. proporcionar a formação do homem total, segundo sua dimensão de universalidade e sua referência ao sobrenatural;
4. promover a integração do homem em sua circunstância histórica e no âmbito de sua cultura nacional, proporcionando-lhe as categorias necessárias para a compreensão da sua época.

A reforma necessária para sanar as falhas apontadas deve incluir o emprego dos meios adequados para que os candidatos à Universidade tenham base sólida de formação humanística e continuem a receber, durante a vida universitária, uma formação integral do homem e do profissional.

Entre outras providências, tais objetivos poderiam ser alcançados:

1. pela criação de Institutos que ultrapassem os limites das escolas isoladas, trabalhando em união com várias delas e abrindo campo para as pesquisas;
2. pela criação de Departamentos dentro de cada escola, que unifiquem o ensino de matérias correlatas;
3. pelo contato constante entre professores e alunos para o debate de temas atuais, utilizando-se para esse fim das instituições dos estudantes de cada Faculdade e contratando, se possível, alguns professores com tempo integral para serem orientadores dos alunos;
4. por meio de encontros entre professores e entre alguns destes e os estudantes, especialmente dedicados ao estudo da reforma universitária e da conveniência da instituição do Colégio Universitário, quer com o fim de dar ao jovem a formação cultural geral adequada ao nível universitário, quer com o de ampliar a formação secundária para as carreiras técnicas não de nível superior.

#### *Quanto ao plano político-administrativo*

Na escala hierárquica dos objetivos, que reclamam investimentos mais consideráveis, a educação jamais poderá deixar de figurar em primeiro plano, no mesmo nível de outros empreendimentos igualmente fundamentais, como por exemplo os serviços de saúde pública, a abertura de estradas, a mecanização da lavoura e a criação de indústrias básicas. Por essa razão, apresenta-se, em nossos dias, à administração pública dos países subdesenvolvidos, como imperativo político e social e norma cristã impostergável, a generalização do ensino primário dentro dos próximos anos e a implantação imediata do ensino técnico.

O desenvolvimento do sistema de educação em nosso País fê-se desordenadamente, não tendo obedecido a qualquer planificação que procurasse assegurar a continuidade, a articulação e a integração das várias iniciativas oficiais e privadas, como partes orgânicas de um mesmo processo educativo. Houve, principalmente, uma inadequada distribuição e um mau emprego dos gastos efetuados com o ensino.

Os dados estatísticos, não apenas demonstram a forma pela qual as três órbitas da administração pública procuraram desobrigar-se das responsabilidades que a Constituição lhes confere em matéria de ensino, como situam

devidamente a presença da livre iniciativa no sistema educacional brasileiro, dando a medida da considerável soma de recursos em imóveis, instalações e equipamentos com que, através da escola particular, o povo participa diretamente da manutenção e do desenvolvimento do ensino.

Pelos princípios universalmente admitidos, o ensino da livre iniciativa representa um *direito* e um *fato*, que se traduz num serviço não estatal, de interesse público, cuja ampla significação pedagógica, econômica e social não pode ser ignorada num planejamento integral de educação. Só o sectarismo ideológico, infenso a uma estrutura democrática da educação, pode pretender opor-se a que o planejamento integral do sistema do ensino se funde:

- a) na articulação do emprêgo dos recursos públicos das várias procedências;
- b) na conjugação desses recursos com as realizações de livre iniciativa.

O direito de opção, reconhecido universalmente aos pais em matéria de educação, envolve para o Estado o compromisso de assegurar em toda a plenitude a existência do ensino particular. Para êsse fim, torna-se necessário garantir ao ensino particular as mesmas prerrogativas do ensino oficial e equiparar os direitos dos servidores e usuários de um e de outro, como já se acha consagrado nas legislações mais recentes de muitos países democráticos. É evidente que o emprêgo dos recursos públicos deverá nortear-se por critérios objetivos e justos que, impedindo aplicações para fins políticos ou comerciais, estimulem e apoiem o trabalho honesto dos educadores que se sentem chamados por uma autêntica vocação.

*Secretariado de Educação e Cultura  
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
Rua da Glória, 116 — Rio de Janeiro (G.B.)*

## CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

### BELO HORIZONTE — RELATÓRIO DA SECÇÃO ESTADUAL DE M.G.

Ensaíaremos relatar em amplos traços nossas atividades no transcorrer de 1960.

A linha, por que procuramos pautar nossos trabalhos, foi a de servir os religiosos em obediência aos nossos Superiores, que nos colocaram nesse Setor da Igreja — a CRB-MG., para AMDG. Os assuntos não serão apresentados em ordem cronológica; agrupá-los-emos, porém, de acôrdo com sua natureza.

Já no alborcer de 60, assuntos prementes nos reuniram antes mesmo do início do ano lectivo, quebrando a praxe de recomençar as reuniões ordinárias em março. O Sindicato de Diretores solicitava a apresentação da filmagem do ensino, tema que motivou a primeira reunião-extra. Conclusão: recusaram-se os religiosos diretores a atender êsse pedido por falta de tempo suficiente para uma apresentação condigna. Por circunstâncias especiais, várias vêzes se reuniram os religiosos em preparação às reuniões do Sindicato de Diretores.

Parece-nos, elencar aqui a série de assuntos ventilados com antecedência às reuniões do Sindicato, ser desnecessário, porquanto de sobejo os conhece-

mos e os vivemos. Aludiremos, entretanto, à vinda de dois rapazes da UECMG, para esclarecer a assembléia religiosa sôbre a situação da UMES, o que fizeram com pleno domínio e conhecimento de causa, corroborando com documentação comprobatória abundante o que afirmaram de palavra. O que queremos dizer, citando um exemplo, é que a CRB-MG sempre procurou trazer-nos informações necessárias e verídicas.

Nosso Setor Estadual foi encarregado por Dom Serafim Fernandes de Araújo, DD. Bispo Auxiliar, de preparar os festejos em comemoração ao jubileu de prata de Sua Excia. Revma. Dom João Resende Costa, nosso muy digno Arcebispo Coadjutor. Na oportunidade da Páscoa os Colégios religiosos de ambos os sexos se reuniram no Ginásio do Minas Tennis Club para festejar a data do Pastor. Os religiosos uniram a êstes festejos o 3.º aniversário da fundação da Secção Estadual. Comemoraram-no com Missa solene e assistência pontifical de Sua Excia. o Sr. Arcebispo Coadjutor.

**DEPARTAMENTO CATEQUÉTICO:** Em fevereiro, os religiosos reuniram-se no Instituto Padre Machado, a fim de tratar da possibilidade da formação de catequistas masculinos, tendo como coordenador o Revmo. Sr. Pe. Avri, SVD.. Infelizmente por falta de religiosos disponíveis para essa atividade, nada foi feito. Por vêzes diversas, reuniram-se também religiosas para tratar da catequese, assunto que tão de perto nos interessa. No fim do ano letivo, as alunas catequistas submeteram-se aos exames exigidos pelo Departamento Catequético da CRB-MG, para fim de certificado de habilitação. Na Capela do Colégio Santa Maria, a 27 de novembro, foi celebrada Missa vespertina de formatura das catequistas, oficiada por Sua Excia. Revdmo. Dom Serafim Fernandes de Araújo, DD. Bispo Auxiliar de Belo Horizonte. Os certificados foram distribuídos por Sua Excia. Dom João Resende Costa, DD. Arcebispo Coadjutor da Arquidiocese e Parainfo das diplomandas, no auditório do citado Colégio. A parte artística esteve a cargo das alunas do Colégio Sion. Habilitaram-se 112 catequistas dos Colégios religiosos da Capital, fruto alviçareiro para maiores ceifas na messe do Senhor.

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO:** Realizaram-se várias reuniões para tratar do currículo do curso de Formação de Professôres. Atualmente acha-se o projeto na Câmara, porém, com a mudança de governo ficou ali, parado..

Em julho, prosseguiu o curso de Teologia Dogmática. Tratado sôbre a Fé foi o assunto ministrado com eficiência pelo Revdmo. Sr. Pe. Pedro Américo Maia, SJ. do dia 6 a 14 de julho. Foram dadas 2 horas de aula, pela manhã, no Colégio Imaculada. Frequentaram-no aproximadamente 30 religiosas e algumas leigas. As aulas foram altamente proveitosas, não só pela cultura, clareza, profundidade do Revdmo. Sr. Pe. Maia, SJ., mas sobretudo pela irradiação projetiva de sua vida interior, impregnando de unção e sabor sua palavra fluente. Satisfez plenamente o auditório. Foram tratados os pontos: *Atitudes com relação à Fé; Relações entre o homem e o Absoluto; Noções preliminares: A Fé: Posição do problema; Natureza do ato de Fé. Motivos de objeto material da Fé; Fé: ato sobrenatural; Motivos de credibilidade; Propriedades do*

*ato de Fé; Análise do ato de Fé; Necessidade da Fé.*

No salão do Banco Comércio e Indústria, foram distribuídos certificados às cursistas no dia 14 de julho, às 16 horas.

A CRB-MG colaborou com a Universidade Católica de Minas na organização do curso de Cultura Cinematográfica. Além de universitários, muitos religiosos tomaram parte nêle com grande proveito. Várias vêzes no correr do ano os religiosos tiveram ocasião de receber esclarecimentos referentes ao cinema em nossas reuniões ordinárias.

**DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL:** Muito movimento realizado em julho pp. não fôsse promovido pela CRB-MG, nosso setor também colaborou na sua divulgação através de circulares aos hospitais, referências trazidas às reuniões pela diretora do Departamento de Saúde. Nêle tomaram parte 108 Casas religiosas, 26 Congregações, 14 Estados, 41 Cidades, 18 diretores de Escolas de Enfermagem.

Interessantes sugestões sôbre o apostolado hospitalar foram trazidas à assembléia por Irmã Percília Aguiar, Serva do Espírito Santo, encarregada do Departamento de Saúde da CRB-MG.

**DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL:** Muito movimento se fêz no sentido de esclarecer o assunto aos religiosos, através de nossas reuniões ordinárias, de folhetos etc.. Para as famílias dos alunos de nossos Colégios, a CRB-MG promoveu a vinda do Revdmo. Ir. João de Deus, Marista, e do Sr. Antônio Leopoldino, ambos da CRB-Rio. Conferenciaram sôbre o tema de tanta transcendência, o que foi realizado no auditório da Secretaria de Saúde e Assistência.

Outros assuntos foram tratados como: a tabela das anuidades das Casas à CRB-MG, circulares da Editôra Nacional, o Congresso da UEC, a Semana do Estudante, o serviço de viagens entregue ao Sr. Rubens da Casa Cór, a sala do Edifício Nazaré, cedida à CRB-MG pelo Revdmo. Sr. Pe. Angril, C. M. F. etc., etc..

Em novembro, atendendo a um chamado telefônico da Diretoria, o Revdmo. Sr. Pe. Tiago Cloin, CSSR, Secretário Geral da CRB-Rio, veio a Belo Horizonte.

Primeiramente fêz a reunião da Diretoria, e em seguida presidiu à reunião ordinária.

Trouxe-nos, o Secretário Geral da Conferência dos Religiosos do Brasil, notícias promissoras de sua viagem à Europa, de onde acabava de chegar.

Muito nos consolou o espírito de zêlo do Revdmo. Sr. Pe. Tiago Cloin, que sobretudo deixava perceber sua preocupação santa pelo problema das vocações e falta de religiosos para atender às necessidades de nossa terra. Problema seriíssimo êste, mórmente com a invasão de religiões com seu apostolado fanático no recrutamento de prosélitos.

Sentindo conosco a necessidade de ampliar nossas possibilidades de trabalho e a falta de pessoal para seu desempenho, prontificou-se o Sr. Pe. Secretário Geral, numa compreensão larga e acolhedora, em montar-nos a sala cedida ao setor mineiro e habilitar um rapaz para os serviços.

A CRB-MG tem, pois, uma Sede à rua Guajaras, 37. Tel. 4-1482. Essa Sede foi-lhe cedida gentilmente pelo Revdmo. Sr. P. Angril da Congregação dos Claretianos, em um dos prédios construídos pela sua habilidade administrativa, para o apostolado a que se dedicam êstes beneméritos sacerdotes. Fiquem aqui, ao Revdmo. Padre Angril e à sua Congregação, os agradecimentos da CRB-MG, por tão útil colaboração. Na nova Sede, já mobiliada, estão funcionando os serviços de viagens, procuratórios, fornecimentos, etc.

Todos os objetos vendidos pela CRB-Rio podem ser pedidos à CRB-MG. Servir os Religiosos será para nós um prazer.

A Directoria da CRB-MG, em 16.3.1961.

#### ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA CRB-MG EM 1960

1. *Circulares e reuniões*: Em várias circulares da C.R.B. o Departamento de Saúde comunicou às religiosas as condições para realização do exame de prático de enfermagem. Foram feitos regularmente os avisos para as reuniões mensais da Conferência a todos os Hospitais.

2. *Congresso de Enfermagem e Encontro das Religiosas Enfermeiras*. Por meio de circulares, as Religiosas foram informadas da realização em Belo Horizonte, do XIIIº Congresso Brasileiro de Enfermagem e da realização de reuniões especiais para Religiosas Enfermeiras na mesma ocasião.

Mais de 100 Religiosas Enfermeiras de vários Estados compareceram e tomaram parte ativa no Congresso de Enfermagem, de 17 a 23 de julho.

Na tarde do dia 23 foi realizada uma reunião preliminar das Religiosas no auditório da Santa Casa de Misericórdia, com a presença do Revdmo. Padre Luís Viegas, convidado como consultor. Nesta reunião foram discutidas as recomendações e conclusões das reuniões de médicos e enfermeiras católicos realizadas em Curitiba, no dia 4 de maio de 1960.

Na tarde do domingo, dia 24 de julho, houve nova reunião para discutir o mesmo tema e fazer recomendações. Na segunda reunião plenária do Congresso das Enfermeiras, dia 20 de julho, foi lido e amplamente debatido o trabalho escrito por Irmã Charles Marie Frank, da Congregação do Verbo Encarnado e Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Católica de Washington, D.C., Estados Unidos. Irmã Charles Marie veio ao Brasil a convite da Associação Brasileira de Enfermagem, como Consultora pelo Ponto IV, com aprovação e bênçãos do Episcopado Norte Americano. Visitou várias Escolas de Enfermagem no Rio, São Paulo, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas. As conclusões propostas em seu magnífico trabalho sobre: "ATEN- DENDO ÀS NECESSIDADES DA ENFERMAGEM NO BRASIL", foram aceitas pela Assembléia Geral como recomendações do XIIIº Congresso Brasileiro de Enfermagem.

Aproveitando a oportunidade, o Departamento de Saúde da CRB-Minas convocou as Religiosas presentes ao Congresso e demais Religiosas do Estado para uma série de reuniões em companhia de Irmã Charles Marie Frank, como consultora, a fim de nos beneficiarmos com sua grande experiência.

As reuniões foram realizadas na Escola de Enfermagem "Hugo Werneck", nos dias 25 e 26 de julho. Compareceram 128 religiosas de 26 diferentes Congregações, representando 92 instituições de 83 comunidades, procedentes de 41 cidades de 14 Estados da União.

Havia 18 Diretoras de Escolas de Enfermagem e 7 Diretoras de Escolas de Auxiliares de Enfermagem.

Irmã Charles Marie Frank teve a bondade de escrever e mandar traduzir duas conferências que foram apresentadas, lidas e discutidas nas duas reuniões gerais do dia 25 de julho. Estas reuniões foram precedidas por uma Santa Missa celebrada pelo Presidente da CRB-Minas e a 1a. delas foi presidida por S. Excia. Revma. D. Serafim Fernandes de Araujo, DD. Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Magnífico Reitor da Universidade Católica, da qual faz parte a Escola de Enfermagem "Hugo Werneck".

Após terminar a leitura da conferência de Irmã Charles Marie Frank S. Excia. Revma. dirigiu palavras de exortação paternal às Religiosas, concitando a todas a se unirem para o bem da Santa Mãe Igreja.

A segunda parte da manhã do dia 25 foi dedicada a debates em que Irmã Charles Marie atuou magnificamente como consultora.

À tarde foi lida a 2a. conferência seguida por discussão e debates como pela manhã.

Durante o dia 26 foram realizadas reuniões em grupos de 12 a 20 religiosas, para uma discussão mais proveitosa e troca de opiniões e experiências. As recomendações apresentadas por esses grupos foram discutidas pelas líderes e consultoras e depois apresentadas a todos os grupos em uma reunião geral na tarde do mesmo dia.

O Departamento de Saúde da CRB-Minas deixa aqui um agradecimento muito sincero a todos quantos colaboraram para o êxito desses encontros, especialmente à Diretoria da CRB pelo apoio dado à iniciativa, à Associação Brasileira de Enfermagem por nos propiciar os encontros com Irmã Charles Marie, às Religiosas de todo o Brasil pela confiança depositada em nós, e principalmente a S. Excia. Revma. D. Serafim Fernandes de Araujo, pela solicitude paternal com que atendeu ao nosso convite, fazendo uma viagem penosa do Rio para Belo Horizonte, a fim de presidir nossa reunião e nos trazer sua bênção e sua palavra inspirada, cheia de luz e de encorajamento.

## COMUNICAÇÕES

### CURSO INTENSIVO SOBRE O ENSINO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

No próximo mês de julho, de dia 17 a 27, será realizado em Belo Horizonte, no Colégio da Imaculada, Rua da Bahia, um *Curso intensivo sobre o ensino da Doutrina Social da Igreja nas Escolas Médias: Colégios, Normais, etc.* O Curso terá caráter regional, sendo destinado para os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Goiás, Espírito Santo e Bahia. Espera-se dar o mesmo curso posteriormente no Sul e no Nordeste.

É objetivo do curso iniciar os professores na doutrina social da Igreja (teoria e prática), para criar senso social no aluno e preservá-lo das ideologias materialistas.

Podará ser cursado por Professores de Colégios, Escolas Normais, Escolas de Serviço Social, etc.

Tomando como base de texto a explicar o livro: *Uma Escola Social*, já no prelo, se explicarão as seguintes matérias:

- 1.º — Como criar consciência social no aluno;
- 2.º — Crítica dos sistemas sociais: Capitalismo, Liberalismo, socialismo, comunismo, marxismo;
- 3.º — Doutrina Social da Igreja, adaptada para Colegiais, etc.;
- 4.º — Orientação no Ensino da Doutrina Social.

Causas do Curso: A educação social cristã, tão almejada pela Igreja;

- a) É uma lacuna de nosso ensino católico;
- b) É uma resolução tomada em vários Congressos de Educação Católica, principalmente no VI Congresso de Educação Católica realizado no Chile, em 1956;
- c) É um apelo urgente do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) reunido em Bogotá em 1959;
- d) É uma necessidade premente no momento histórico em que vivemos, para salvar a mocidade, preparando-a para a vida e o ambiente universitário, semi-marxista, de quase tôdas as faculdades do Estado.

Os pedidos de inscrição ao Curso podem ser dirigidos à Secretaria da CRB, com o mesmo endereço. A contribuição de cada assistente ao curso é de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).

Este curso, promovido pelo *Secretariado Nacional da Defesa da Fé* (SNF) em união com a Conferência dos Religiosos do Brasil e com o apoio da A.E.C., será a solução para os Diretores de Colégios, etc., que desejam introduzir o ensino da Doutrina Social da Igreja em suas instituições educacionais.

#### PRIMEIRO ENCONTRO DE DIÁRIOS E SEMINÁRIOS CATÓLICOS

Nos dias 7 e 8 de abril p.p., reuniram-se pela primeira vez os editores católicos, convocados que foram pelo Departamento de Imprensa da CRB. Decerto contribuiram para criar o devido clima os quatro cursos de jornalismo que o mesmo departamento de 1958 para cá tem realizado.

Sob a presidência de Dom Martinho Michler, OSB, DD. Abade de São Bento e presidente da CRB, tiveram lugar as conferências no convento de Sto. Antônio — Largo da Carioca — Rio de Janeiro, com a assistência de vinte religiosos e três seculares, representantes das seguintes editoras católicas: Vozes — Petrópolis; Lar Católico — Juiz de Fora; Mensageiro da Fé — Salvador; São Miguel — Caxias do Sul; Lumen Christi — Rio de Janeiro; Edições Paulinas, Herder e Ave Maria de São Paulo; Livrarias — Editôras, Salesianas de Recife, Salvador, Niterói e S. Paulo; Coleção FTD — São Paulo; Gráfica Santo Antônio — Divinópolis; Sede "Pe. Reus" — Porto Alegre; Seleção Missionária — São Paulo; O Estandarte — Recife; compareceram ainda representantes da CRB e CNBB. Embora alguns editôres tenham faltado é de esperar que todos adiram às resoluções do encontro.

Frisando a necessidade cada vez maior da nossa atualização, disse Dom

Abade de sua alegria e satisfação em ver tantos editôres reunidos pelo mesmo ideal de semear a boa semente.

Do temário, que já figurou em número anterior desta revista, destacamos com especial prazer a primeira conferência "Contabilidade de custo" de Frei Matias Heidemann, OFM diretor-contador da Editora Vozes, cujo êxito surpreendeu a todos. O Pe. José Ventorim, SDB, um dos diretores da Escola Industrial D. Bosco de Niterói, viu sua palestra coroada de sucesso pela fundação da "Associação para Editôres Católicos". O Sr. Franz Schwoerer, dd. Diretor da Editora Herder de São Paulo e Nova Iorque, incumbiu-se magistralmente do tema difícilimo "Direitos autorais", insistindo nos deveres e direitos que neste particular assistem aos editôres. Frei Tadeu Glaser, OFM dd. Diretor da Editora Mensageiro da Fé, expôs a crise com que se antolham os editôres, apresentando certas medidas de como vencer a situação atual.

Com entusiasmo particular receberam os editôres a palestra do Pe. Lucas Caravina, PSSP, dd. Diretor da Livraria Missionária"; pois, com as ricas experiências peculiares à Pia Sociedade de S. Paulo, apresentou o conferencista preciosas sugestões para uma coordenação das editoras católicas.

O encerramento do encontro consistiu na aclamação da nova "Associação para Editores Católicos", na aprovação dos estatutos provisórios como também na eleição e posse da primeira diretoria da qual figura como presidente o Pe. Frei Matias Heidemann, OFM (cx. p. 23/Petrópolis RJ).

Entre as propostas e conclusões do encontro, destacamos a edição de um catálogo comum de todos os livros católicos do Brasil a fim de facilitar a sua propaganda, um serviço de intercâmbio sobre fracassos e sucessos, de consultas para prestação de serviços e padronização quanto ao formato dos livros, etc.

Uma vez lançada a semente, fazemos votos que ela cresça, se desenvolva e frutifique.

## PRIMEIRO ENCONTRO DE DIÁRIOS E SEMINÁRIOS CATÓLICOS

*Rio de Janeiro, 9-13 de abril de 1961*

Promovido pela CNBB atraiu êste encontro 22 representantes de órgãos católicos do Brasil e dois da imprensa latino-americana. O que principalmente favorecem tais encontros são o intercâmbio de idéias e experiências, a exposição das necessidades que a nossa imprensa católica sofre e do apoio que ela reclama.

Sob a sábia presidência de Dom Eugênio Sales, DD. Bispo auxiliar de Natal, o certame chegou a ótimas resoluções como p. ex. de se criar a "União Nacional Católica de Imprensa" com a finalidade de coordenar, orientar, promover e defender as atividades da imprensa católica. Entre as sugestões, destacamos a coordenação dos trabalhos da UNCI com as agências noticiosas católicas; a transmissão de notícias católicas para os jornais neutros; a cooperação com os jornalistas católicos militantes em jornais neutros; o intercâmbio nacional de artigos promovido pela UNCI e a realização de promoções várias por parte dos jornais católicos com o objetivo de melhorar as finanças e a respectiva circulação, como a comemoração do "Dia da Imprensa" e pesquisas de opinião pública.

Para informes mais detalhados dirigir-se ao Secretariado da UNCI Palácio S. Joaquim Largo da Glória Rio de Janeiro —

## BIBLIOGRAFIA

*Van Den Besselaar, José: "Propylaeum Latinum", 2 vv., Ed. Herder, S. Paulo, 1960.*

"O 1.º volume trata de morfologia e sintaxe da língua latina. No segundo o autor apresenta uma série orgânica e gradativa de exercícios para a aplicação prática da gramática.

Destina-se a obra — que é de pulso — à classe universitária. Isto não impede que a gramática seja uma ótima fonte para quem deseja adquirir um conhecimento mais aprofundado e preciso do idioma latino, visto apresentar-se o trabalho de Van Den Besselaar revestido de foros de respeito e competência. Na verdade, a gramática, além de conter abundante material informativo, prima pela clareza de exposição e pela precisão nas discussões dos

vários casos que se apresentam dentro do variado emprêgo das regras gramaticais latinas.

O ilustre docente está de parabéns! Oxalá complete a obra em edições posteriores, ou em estudo à parte — com um trabalho sobre a literatura latina. Aconselhável, outrossim, um estudo "mais crítico e científico" sobre a pronúncia do latim, talvez encabeçando a gramática ou como apêndice. Não ficaria mau um acêno às formas arcaicas, tanto sintáticas como poéticas.

Embora destinada aos universitários, a obra será ótimamente empregada nos cursos de Seminário e em Institutos religiosos.

*P. Otorino Fantin SDB*

*Pe. Dr. Frei Mansueto Kohnen, OFM. HISTÓRIA DA LITERATURA GERMANICA Ed. Mensageiro da Fé — Salvador Bahia 1960 1.º vol. 416 págs. (Previstos 5 vols.) 3.ª edição aumentada, atualizada e ricamente ilustrada.*

Frei Mansueto Kohnen tem o seu nome firmado não só como professor catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia e da PUC do Rio de Janeiro, mas em particular por esta obra standard, única em língua portuguesa. No prefácio, adverte o autor que aqui não se trata de simples manual, segundo a alguns pareceu.

Os 5 primeiros capítulos nos familiarizam com 1) a antiguidade germânica e seus vários detalhes, 2) a mitologia germânica, segundo autores pagãos e cristãos, 3) a evolução da língua alemã, desde a sua mais remota origem até o alemão moderno, 4) a mais antiga literatura germânica, 5) a literatura germano-latina e respectivos autores, onde se destacam Roswitha von Gandersheim e Hildegard von Bingen. Os capítulos 6 a 13 apresentam as diversas fases da literatura medieval, como sejam a poesia popular, a poesia cavaleiresca, a poesia lírica e religiosa, a literatura mariana "Marienminne" e a literatura burguesa, esta como fase de transição; enquanto o capítulo 14 expõe "Renascença e humanismo burguês", ocupando-se detalhadamente de Lutero e seus adeptos, o capítulo 15 apresenta o barro-

co do século XVII.

Frei Mansueto não se limita a compor a história da literatura, mas também introduz o leitor nas várias fases da história profana e eclesiástica, valendo-se de uma objetividade louvável, onde muitos autores se deixam levar pelos preconceitos. Esta terceira edição traz diversos estudos novíssimos segundo o estado moderno da literatura, como p. ex. o da "Gottesminne" e "Marienminne", merecendo um interesse particular do autor a bíblia de Mogúncia (1462).

A rica bagagem literária e a bibliografia, dividida cada vez conforme os capítulos da obra, aumentam consideravelmente o valor do livro, enquanto a reprodução de numerosas gravuras antigas contribui para um estudo mais profundo da matéria. Afinal o leitor se sente bem ao encontrar os índices analítico bem detalhado, onomástico e geográfico como recursos indispensáveis ao manusear a volumosa obra.

A Editôra Mensageiro da Fé, mais uma vez dá mostras de sua vitalidade cultural numa das épocas mais críticas para qualquer empreendimento editorial, como é a nossa.

*I Frei Venâncio Willeke OFM*

A CAMINHO DO PAI, catecismo da "Coleção com Cristo" para o ensino secundário, por Teresa de Cristo Lézier, O.S.U., Agir 1961.

Indubitavelmente já está passando a época em que os catecismos pecavam por um excesso de intelectualismo e por um tom apologético herdado dos séculos passados, do combate ao protestantismo. A pedagogia moderna teve o mérito de acentuar a importância da formação do aluno. Entretanto, a catecismo de Madre Teresa Lézier que ora estamos apresentando, vai ainda um pouco além. Se a pedagogia moderna procura "formar" o aluno, sobretudo através das virtudes morais, a pedagogia da revelação, se é que podemos expressar-nos assim, procura levar o aluno a um encontro com Deus em fé, esperança e amor. Por isso Madre Teresa procura não tanto apresentar doutrinas mas a pessoa de Cristo. Importantes são, por isso, passagens como esta: "Grande sois, Senhor, e glorioso! Admirável no vosso poder" (pág. 23 n.º 7).

Este aspecto de seu catecismo é especialmente importante para os rapazes e moças, do ensino secundário, aos quais se destina, pois nessa idade eles precisam "descobrir" e encontrar de novo a pessoa de Jesus Cristo.

O catecismo procura acompanhar o ano litúrgico para que as solenidades da igreja tenham mais sentido para os alunos e os levem a

viver os mistérios religiosos que se desenrolam no decorrer do ano.

Compor um catecismo neste sentido é uma tarefa relativamente fácil na Europa onde o ano eclesial coincide mais ou menos com o ano escolar, mas uma tarefa bastante difícil aqui no Brasil.

De modo especial apreciamos o lugar que ocupa a Bíblia através de citações numerosas.

Se nos é permitido fazer algumas observações, convém chamar a atenção para o fato de que nossos fiéis identificam demais a Sta. Igreja com as autoridades eclesiais. Aconselharíamos, então, acentuar mais que a Igreja é o povo eleito, o como: passagem através do Mar Vermelho de Cristo. Também acharíamos melhor frisar mais a enorme distância que existe entre o pecado mortal e venial, e por isso falar menos sobre o pecado em geral que é uma abstração.

Na página 50, define Páscoa como: passagem através do Mar Vermelho. Acharíamos mais importante a explicação de Êxodo 12, 11-13 e 23-27: a ira de Deus passa por aqueles que são tingidos pelo sangue do Cordeiro imolado.

Entretanto, estas e outras observações que se poderiam fazer, não diminuem o valor do catecismo.

Pe. Leão Douven C.Ss.R.

Mons. Eymard L' E. Monteiro — João na Cátedra de S. Pedro, (211 págs.) — Vozes, 1961.

Contrariamente ao que talvez se esperasse, o livro pouco fala de João XXIII, conforme se poderia supor pelo título do livro.

O autor que já publicou 26 obras, pelo que está numerado no início desta narrativa, fala de sua viagem à Europa, onde visitou vários países, por ocasião do falecimento de Pio XII e subida ao solo pontifício de João XXIII.

É como que um diário de suas impressões sobre o que viu, o que

pensou e o que sucedeu.

E fa-lo com singeleza elegante mas literariamente, semeando aqui e ali algum brasileirismo que dá sabor especial à sua narrativa.

Para que goste de geografia e história, o livro escrito no gênero de "viagens", não deixa de agradar e ser instrutivo.

Éis um livro para a juventude de ideais nobres e de tendências culturais.

I. J. D.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1961

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo

Censor Eclesiástico.